ILUSTRAÇÃO

N.º 329 — 14.º ano

1-SETEMBRO-1939

PREÇO-5 escudos

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqüenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19

com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 5.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GRANDE EXITO LITERÁRIO

Acaba de aparecer nova edição revista de

O HOMEM QUE MATOU O DIABO

DE **AQUILINO RIBEIRO**

O que são, afinal, amor, arte, Deus, o Diabo? Ilusões, Realidades?

1 vol. de 392 págs., brochado . . . . . Esc. 12$00

Pelo correio à cobrança . . . 13$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

UMA GRANDE REVELAÇÃO CIENTÍFICA

Um ano de tratamento da tuberculose pelo método embolígeno

DO **DR. BERNAY** (DE LYON)

PELO **Dr. MÁRIO DAMAS MÓRA**

Director da clínica da Trindade e Director do Dispensário Anti-Tuberculoso «Dr. M. Ferreira de Mira» da A. N. T.

1 vol de 56 págs., formato 24×16,5 com 16 gravuras

Esc. 10$00; *pelo correio à cobrança*, **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27

LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**

Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**

Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃIS PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**, enc., **Esc. 20$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**

Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomaticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnifico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**

Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-SETEMBRO-1939
N.º 329 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

DANTZIG

A anexação da cidade livre de Dantzig, por que a Alemanha vem quebrando lanças desde o momento em que terminou a absorção, pacífica, da Checo-Eslováquia, é sintoma claro da gula insaciável do III Reich.

São de sempre as ambições alemãs para o domínio do mundo. Os germanos consideram-se como a raça privilegiada a quem Deus concede o domínio de todos os outros sêres humanos.

Foi a contínua ideia da Prússia de Bismarck e de Moltke; foi a suprema aspiração do Império Alemão, de que aquele foi o primeiro chanceler, quando se proclamou na Galeria dos Espelhos do Palácio de Versalhes; é o sonho dourado do nazismo que hoje pontifica na Alemanha. E se êsse *desideratum* não foi alcançado noutro tempo e ainda o não está hoje, devemos contudo conceder que o regime nazi muito tem obtido, aproveitando-se das utopias e dos sentimentalismos que presidiram à confecção do Tratado de Paz de Versalhes e do pacto da Sociedade das Nações e ao conseqüente adormecimento da Europa.

A Áustria, a Checo-Eslováquia, a região de Memel são outros tantos golpes que vieram abalar os alicerces do velho Continente, e que serviram para formar a Grande Alemanha que, se lhe dessem aso, desejaria certamente estender a sua influência, se não o seu domínio, a tôdas as Nações.

Dantzig e o corredor polaco, as actuais reivindicações germânicas, encontraram porém à sua efectivação uma resistência decidida das Potências Ocidentais.

Haverá guerra? Resolver-se-á tudo pacìficamente? Como e à custa de quem?

Em cima: *Vista geral de Dantzig*

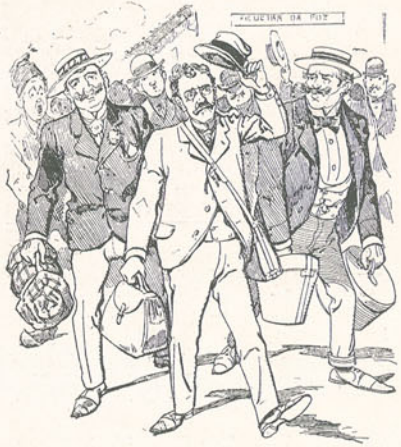
À direita: *Marco na fronteira gemano-polaca, onde se lê: «Tratado de Versalhes» e a data de 28 de Junho de 1919*

Em baixo: *Fachada do edifício do Arsenal de Dantzig*

O pacto de não-agressão germano-russo não será apenas uma bomba de espectaculoso efeito destinada à intimidação da Polónia e seus aliados? Mas não é êle o rompimento do pacto ant-Komintern, o que isolará o Reich?

São as preguntas que se põem no momento que escrevemos.

E pouco viverá quem não assistir à resposta a tais questões.



TABOADA

A FIGUEIRA DA FOZ DE HÁ

Insolências antigas

A Figueira da Foz, sendo uma das mais belas praias portuguesas, é também a que ostenta deliciosas tradições.

Vem a propósito evocar os seus encantos de há quarenta e tantos anos, quando o escritor espanhol D. Luiz Taboada, dando-se ares de humorista, pretendeu metê-la a ridículo.

Ao que parece, o ilustre visitante preferia esta praia a tôdas as outras apregoadas no estrangeiro, porque ela lhe oferecia vantagens como nenhuma. E, julgando-se alguem, enten- deu que a sua presença compensaria tôdas as despezas que se dignasse fazer, visto ser uma honra, em seu en tender, para a Figueira da Foz.

Não sabemos se o príncipe de Gales, o tzar da Rússia ou o négus da Abissínia por ali passaram com idêntica prosápia... No entanto, a Figueira deve ter registado a visita de algumas celebridades mundiais, sem que tivesse a lamentar a petulância impertinente de quem quere que fôsse... E salientamos de «quem quere que fôsse» na intenção de nos referirmos a «quem fôsse alguem».

Pois é verdade. O tal sr. Luiz Taboada, que pelo nome não perca, tinha uma maneira muito esquisita de fazer contas sem a necessária conferência da prova dos 9 9.

Vamos transcrever um dêsses trechos que êle intitulou de Intimidades de un autor festivo — Primero amado, después aborrecido:

Muitas pessoas me preguntavam:

— Porque veraneia você na Figueira da Foz?

— Porque, além de ser uma região preciosa, resulta o veraneio muito barato.

E por vergonha não me atrevia a acrescentar:

— Além disso os figueirenses obsequeiam-me muito, e ali me desquito desta triste insignificância a que vivo condenado na minha terra.

Esta foi uma das razões que eu encontrei para ir veranear em Portugal.

Nunca me vi tão afagado nem senhor de um papel mais brilhante. Por vezes, chegava eu próprio a maravilhar-me do muito que eu valia sem ter dado por isso, chegando até a acalentar intenções de fazer-me retratar na praia ou no Casino, rodeado de admiradores, e apresentar depois a fotografia em Madrid, a-fim-de me dar ares.

A princípio tudo ia perfeitamente. Chegava à estação da Figueira da Foz, e já encontrava à minha espera os donos dos Casinos, muitos comerciantes e numerosos donos de hospedarias e cafés.

Começavam por se apoderar dos volumes da minha bagagem, disputando a honra de levá-los ao meu domicílio.

— Não se incomode, ilustríssimo senhor Fonseca de Guimarães — dizia a um.

— Deixe a minha chapeleira, ilustríssimo senhor Matozinhos de Carvalho — suplicava a outro.

Mas êles não faziam caso e continuavam na sua faina muito satisfeitos, e dirigindo elogios à minha família.

— Que excelente côr V. Ex.as trazem! — exclamavam — Como as senhoras vêm encantadoras!... E o menino como está crescido! Até as criadas parecem mais esbeltas!

— Muito obrigado, muito obrigado! — respondiamos nós.

Aquele dia era passado a receber visitas, e à noite... *tatachin, chin, chin,* serenata com foguetes estrondosos, e comissão das pessoas notáveis da localidade que iam dar-me as boas vindas.

Um dos indivíduos tomava a palavra, dizendo:

— Excelentissímo senhor Taboada: O povo da Figueira tem a honra de expressar a vossa excelência e a tôda a sua ilustre família, os seus parabens. O senhor Taboada é um grande protector desta praia, e nós devemos tributar-lhe a homenagem da nossa consideração mais respeitosa.

Eu então erguia-me e, com voz comovida, exclamava:

— Senhores: a homenagem que me tributais repercute no meu coração... Não tenho palavras com que expressar-vos... Enfim, senhores, a minha família e eu agradecemos, desde o íntimo da nossa alma, estas provas inequívocas do muito que...

— Viva o muito distinto escritor espanhol Dom Luís Taboada! — gritava um da comissão, assomando-se à janela e dirigindo-se ao público.

— Vivaaaaaa!! — repetia o povo soberano.

Eu assomava também à janela e gritava com voz sonora:

— Viva o povo da Figueira! Viva Portugal! Viva a raça latina! Viva a Península Ibérica! Viva a pescada nacional!

A maior parte dêstes vivas não eram compreendidos por aquelas gentes apreciáveis e sinceras, segundo pareciam, mas nem por isso deixaram de ser correspondidos com ruidoso frenesi.

Durante a primeira semana tudo corria ás mil maravilhas. Aquela gente, ao encontrar-me na rua, tirava o chapéu em sinal de respeitosa consideração, e dirigia-me os mais doces sorrisos... mas depois chegava um que me dizia em tom de amarga queixa:

— Sabe que não me agradou a sua conduta?

— Qual conduta? - preguntava eu.

— Pois o senhor sabe que eu tenho um magnífico estabelecimento de víveres, e não se digna comprar nada nêle?!

— Homem — tentava eu explicar — eu não me ocupo dessas coisas...

Na praia da Figueira da Foz, ha quarenta anos

DIFÍCIL

QUARENTA E TANTOS ANOS

que ficaram impunes

— Não se lembra já de que eu estive na estação no dia da sua chegada e que, além disso, fui eu quem levei até sua casa o embrulho dos chapéus de chuva e uma garrafinha chata?

— Não o esquecerei nunca.

— Por isso estranho duplamente que não gaste do meu estabelecimento.

Ao outro dia, o dono dum café formulava uma queixa semelhante à do tendeiro, e, ao fim de um mês de estar na Figueira, verificava que não me dirigiam cumprimentos vinte ou trinta pessoas ofendidas, tôdas elas por eu não gastar das suas lojas.

Mas havia mais. Era o ódio que me professavam aqueles que não apareciam citados nas minhas correspondências para os jornais de Madrid, visto que todos me haviam pedido que fizesse menção dos seus estabelecimentos nos meus artigos.

Na intenção de o conseguirem, alguns comerciantes da Praça Nova resolveram oferecer-me um concerto ás sete da tarde num dos passeios principais da povoação, e fizeram imprimir uns programas que diziam assim:

Concerto oferecido ao muito ilustre jornalista espanhol e engraçado escritor Dom Luiz Taboada, pelo comércio da Praça Nova em 18 de Agosto de 1892.

PROGRAMA

Seguia-se a lista das partituras que deviam executar-ser, quási todas elas espanholas.

Quando li o programa, e recebi vários exemplares impressos em seda senti o rubor escaldar-me as faces.

Decidira não assistir àquele ridículo espectáculo, mas uma comissão de comerciantes foi a minha casa convidar-me, meia hora antes da função, e não tive mais remédio que prometer-lhes a minha comparência.

Quando me apresentei na praça onde ia celebrar-se o concerto, cruzaram o espaço mil foguetes semelhantes aos que me cegaram dum ôlho em Vigo. Estremeci, recordando-me dêsse triste acontecimento, mas fiz das tripas coração, e continuei andando.

Num dos sitios mais visiveis da praça tinham colocado uma espécie de docel, debaixo do qual eu deveria sentar-me com toda a minha família.

Que coisas fazem os portugueses!

Logo que tomei assento, a música rompeu com a marcha real espanhola.

Declaro que por breves instantes me senti rei, e disse para o príncipe das Astúrias, ou seja para o meu filho:

— Tira o boné, Emilinho, e saúda os meus súbditos.

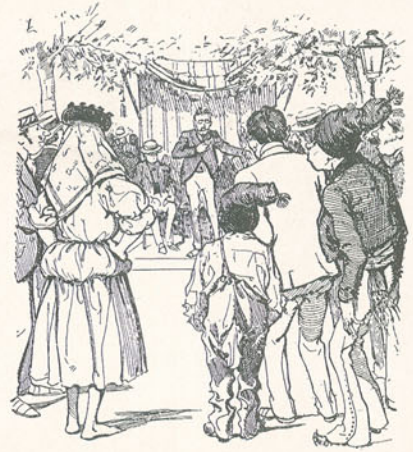
O pequeno obedeceu, agitando a gorra augusta, e os súbditos me aclamaram.

Pois bem: não tinham passado quinze dias, e aqueles mesmos comerciantes que organizaram o concêrto e queimaram foguetes em minha honra, voltavam a cara quando me encontravam na rua.

Porquê? Porque esperavam que, em agradecimento às suas homenagens, eu dissesse em *El Imparcial* e no *Madrid Cómico:*

«Não ha chapeus de chuva como os que vende o sr. João Peixoto de Vasconcelos Junior, da Figueira, nem chinelos de ourêlo, como os que fornecem os srs. Roupeiro Bordalo, Guedes & C.a da referida localidade».

Por sua vez, a imprensa começou a enojar-se comigo, supondo que eu ridicularizava os portugueses nas minhas correspondências.



Houve jornal que se atreveu a pedir a minha expulsão do território lusitano, e chegou a ser-me notificado anónimamente que havia o projecto de abrir uma subscrição pública a fim de se comprar a mão criminosa que me arrancasse daquele meio.

Comecei a ver-me isolado e aborrecido. Se ia fazer a barba, o barbeiro procurava derramar o meu sangue generoso, fingindo que lhe havia escapado a navalha. Depois surpreendia nos seus lábios um gesto de satisfação que equivalia a dizer: — Eis-me vingado!

Sa mandava buscar manteiga, serviam-ma com ranço; se era por vinho, vendiam-mo azedo... Uma vez que necessitei de sanguessugas, fui aplicá-las, e verifiquei que eram completamente mansas.

Que fazer? O que fiz. Esperei que terminasse a época encalmada; paguei a casa, despedi-me do banheiro, único ser que me compreendia e amava, e deixei para sempre a Figueira, exclamando:

— Ingrata! E' assim que correspondes ao meu carinho? E' assim que pagas os elogios que te dediquei na imprensa? Não sabes que contribui com a minha propaganda para a tua prosperidade e teu desenvolvimento?

Figueira... Figueira... tens nome de mulher!

LUIZ TABOADA

Foi assim que o autor festivo D. Luiz Taboada viu a nossa Figueira de há quarenta e tantos anos. Há apenas uma pequena correcção a fazer: é certo que lhe pegaram solicitamente nas bagagens ao desembarcar na estação, mas eram galegos encarregados dêsses serviços, isto é, compatriotas muitos ilustres do nosso ilustre visitante.

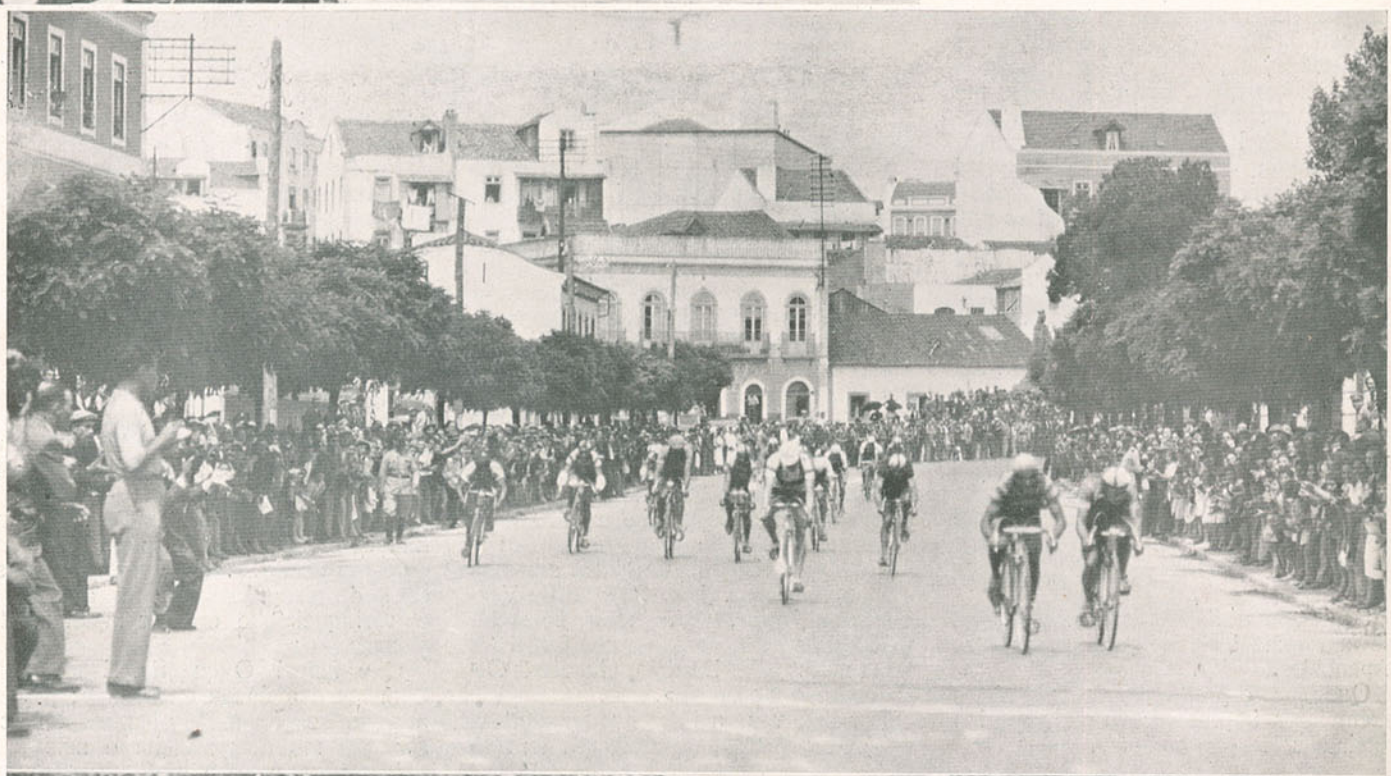
Figueira da Foz, Agosto de 1939.

SÉRGIO DE MONTEMOR

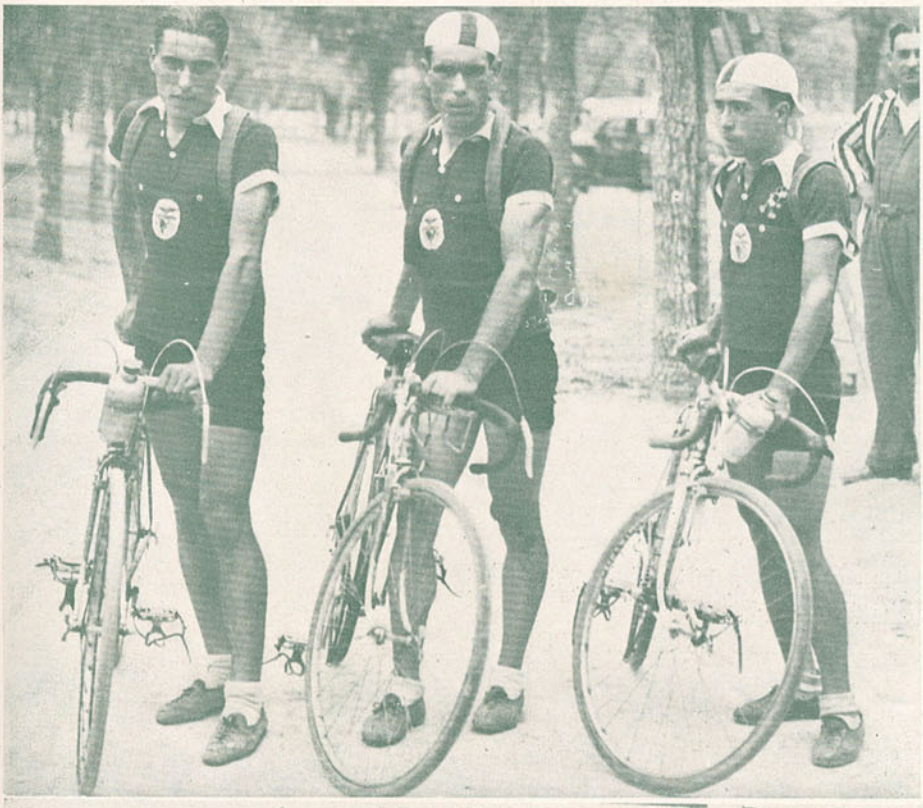
Forte de Santa Catarina, na Figueira da Foz

VIII VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Em cima, à esquerda: Passagem dos corredores na ponte de Balança, antes de atingirem Figueira da Foz. *Ao centro:* Imponente aspecto da chegada às Caldas da Rainha. *Em baixo:* Os corredores entram triunfalmente no Campo 28 de Maio, onde começam a fazer as 20 voltas, términus da grande competição ciclista



VIII Volta a Portugal em bicicleta



Em cima, à direita: Joaquim Fernandes vencedor da maior prova ciclista que se realiza entre nós. *A' esquerda:* O trio do Sport Lisboa e Benfica, que obteve a primeira classificação por equipas. *Em baixo:* O francês Lesguillons corta a meta, em primeiro lugar, na última etapa

AS NOSSAS COLÓNIAS

Vários aspectos da cidade da Beira

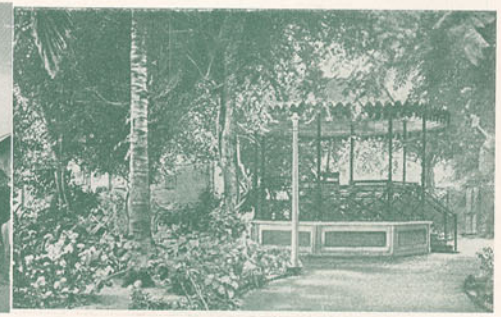
Em cima: Os escritórios da Companhia de Moçambique, na Beira, à qual foi conferida por Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República, na sua recente visita, a grã-cruz do Império Colonial. *A' direita:* Fachada da Associação Comercial da Beira

Um dos mais lindos panoramas da Beira, vendo-se ao fundo a Igreja e a Escola de Artes e Ofícios da Missão Portuguesa

O edifício do Tribunal da Beira

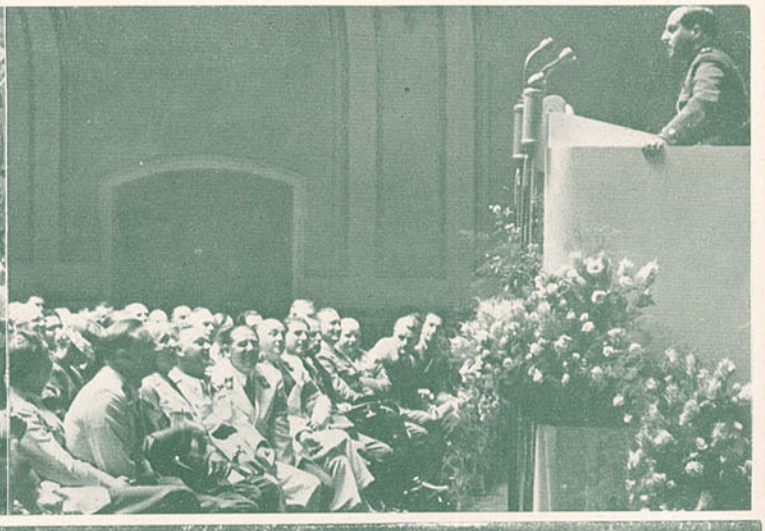
Uma plantação de tabaco em Chimoio

Em cima, à direita: Interior da residência do Governador do território, na Beira. *No oval:* Aspecto exterior da mesma residência. *Ao centro:* Um aspecto da antiga fortaleza de Sofala. Na exposição histórica organizada pela Companhia de Moçambique, na cidade da Beira, em que se mostrou a obra de civilização que a mesma Companhia tem realizado nos territórios que administra, apareceu uma interessante reconstituição da velha fortaleza que Pero de Maia construiu em Sofala em 1505. Sua Ex.ª o Senhor Presidente da República inaugurou a Exposição, que visitou demoradamente. *Em baixo, à esquerda:* Avenida da República na Beira. *A' direita:* Uma vista do Jardim Público na mesma cidade

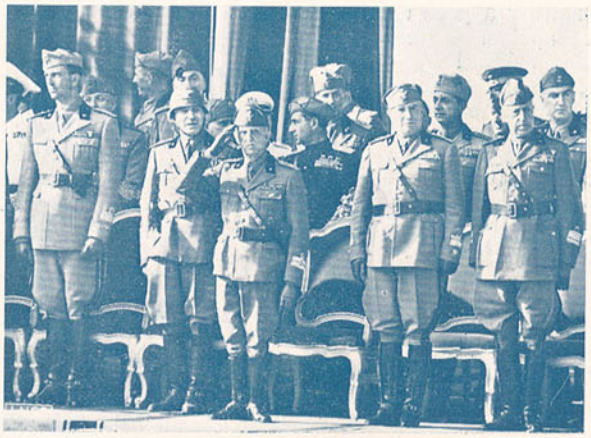


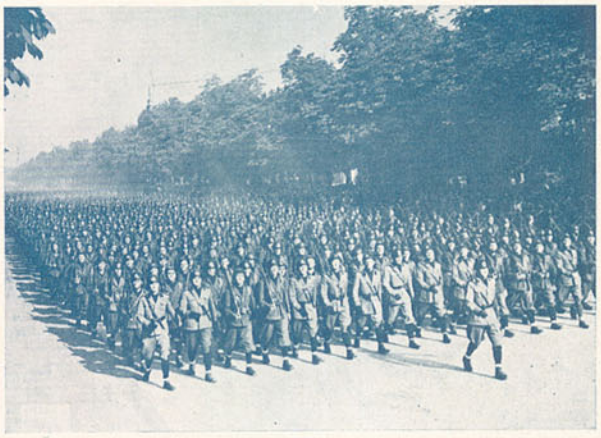
NOTICIAS DA QUINZENA

Á esquerda: Quatro sorrisos bem portugueses que brilharam na Alemanha, no Congresso Internacional da «Fôrça pela Alegria». *Ao centro:* As representantes do folclore português e espanhol no Congresso junto do Castelo de San Souci, residência de Frederico o Grande e o sr. Eng. Higino de Queiroz, presidente da F. N. A. T., discursando na sessão inaugural do referido Congresso, em Hamburgo. *Ao fundo:* O sr. ministro da Agricultura atravessa as ruas de Anadia, onde foi presidir a uma importante reünião da Lavoura da região da Bairrada

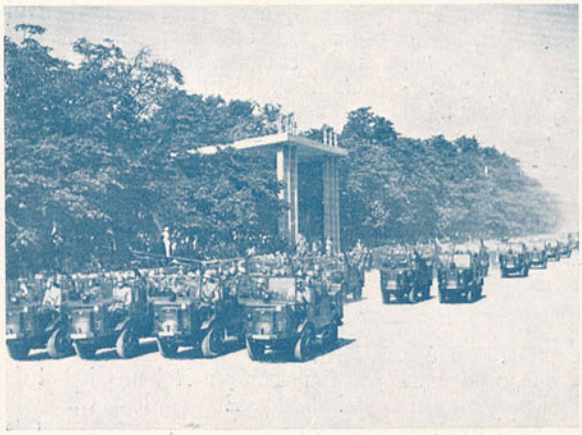


ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS





O Rei de Itália assiste, com o herdeiro do trono que se vê à sua direita, ao desfile das numerosas tropas italianas que tomaram parte nas manobras realizadas no Piemonte. Na gravura da direita, vê-se um aspecto dessas tropas passando perante o Rei



Nas manobras italianas participaram contingentes de tôdas as armas. Veem-se aqui outros dois aspectos do desfile realizado em Turim, na Avenida Duque de Génova, perante o Rei de Itália e o Príncipe de Piemonte

Finda a guerra civil, Franco, chefe do Estado Espanhol, organizou o novo ministério. Eis uma foto tomada durante a primeira reünião realizada em Burgos sob a presidência do Generalíssimo, que se vê, sentado, no topo da mesa

Madame du Barry

NÉVOAS DO PASSADO

A paixão e morte de Madame Du Barry

vítima inocente da Revolução Francesa

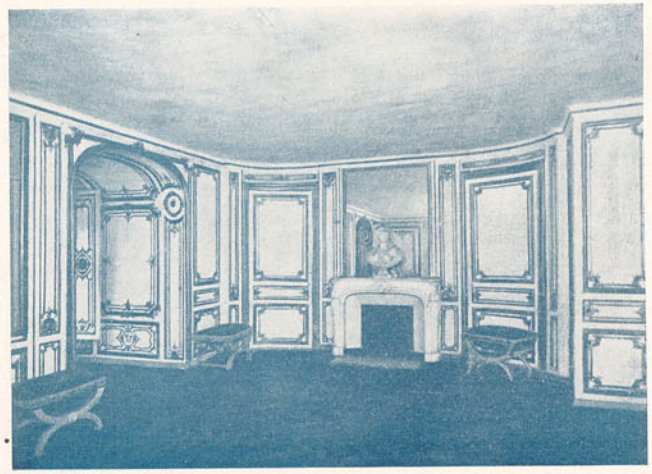
E até ao momento em que o povo francês, cansado da escravidão, se levantou em massa e, despedaçados os grilhões, fez cortar a cabeça ao tirano, ela teve-os, por assim dizer, todos atrelados ao seu carro de triunfo.

Então, todos esses aristocratas, vendo-se prestes a serem esmagados pelos patriotas vingadores, fugiram aterrorizados. Porem, se abandonaram o país que, durante tanto tempo, haviam enlameado com as suas torpezas, foi para irem suplicar aos outros aristocratas europeus que corressem a reunir-se-lhes, a fim de que êles pudessem massacrar o povo.

Mas êsse povo, que teve a coragem de conquistar a sua liberdade, ha de conseguir fazer morder a poeira àqueles que apoiam êsses projectos sanguinários!

Não obstante haver perdido com a emigração o enxame dos seus adoradores e se encontrar reduzida a ter por únicos cortezãos os seus numerosos lacaios, a du Barry continuou a viver com o mesmo fausto e formou o designo de se tornar útil, tanto aos emigrados, como aos seus amigos que tinham permanecido em França. Todos os antigos aristocratas passaram a encontrar em sua casa asilo certo. Entre muitos que ali se refugiaram, citaremos Laroche, ex-vigário geral d'Agen, condenado à morte por sentença dêste tribunal. A fim de fornecer socorros aos emigrados ela concebeu um estratagema, que lhe permitiu fazer quatro viagens a Londres. Declarou ter sido vítima, na noite de 10 para 11 de Janeiro de 1791, dum importante roubo de diamantes e outros valores, e que, como os ladrões tinham fugido para Inglaterra, onde haviam sido capturados, era obrigada a ir a Londres, para tratar da restituição.

Tôda a história não passava duma série de mentiras inventadas por ela, de concerto com Forth. Êste dito Forth é o mais hábil dos espiões, que o govêrno inglês enviou para França, para sustentarem o partido da côrte e opôrem-se ao avanço da nossa revolução.



Quarto de dormir de Madame du Barry no Castelo de Versalhes

A fim de perseguir os autores dêsse suposto roubo ela teve a habilidade de arranjar vários passaportes, tanto no Ministério dos Negócios Estrangeiros, como na municipalidade de Louveciennes e no departamento de Seine et Oise.

Vários membros da municipalidade protegiam-na às claras, especialmente o chamado Lavalery, que depois se suicidou. Graças a êsses passaportes clandestinos ela afrontou impunemente a lei contra os emigrados e, tanto assim é que nos primeiros dias do mês de Março, ainda se encontrava em Londres. Durante as suas quatro estadas nessa cidade conviveu assiduamente com todos os emigrados que lá se haviam refugiado e emprestou-lhes mesmo grandes quantias, como mais adiante provaremos. Contraiu, além disso, relações de íntima amizade com os lords mais poderosos, que exerciam importantes funções na côrte do tirano de Inglaterra e, inclusivamente, com o infame Pitt, êsse inimigo implacável do género humano, pelo qual ela tinha tanta admiração e estima que trouxe para França uma medalha de prata com a efígie dêsse monstro. Favoreceu, igualmente, os inimigos existentes no interior, repartindo com êles a sua enorme fortuna.

Emprestou a Rohan Chabot duzentas mil libras. Êste Rohan Chabot possue grandes bens na Vendeia e foi nas suas propriedades que, segundo todos dizem, se formou o primeiro nucleo de rebeldes.

Por intermédio do chamado d'Escourt, antigo cavaleiro, emprestou identica soma de duzentas mil libras a La Rochefaucauld, ex-bispo de Rouen e, tanto ao dito d'Escourt, actualmente detido na prisão de La Force, como a Labondie e ao visconde de Jumillac emigrado entregou ela, nessa mesma ocasião, importantes quantias.

No seu pavilhão de Louveciènnes de que ela procurou fazer uma pequenita fortaleza (o que está suficientemente provado pelo achado de oito espingardas, que o seu bom e fiel amigo, o celerado d'Agremont, apanhou para ela à municipalidade de Paris, afirmando que eram para entregar à municipalidade de Louveciennes), organizou ela grandes reuniões de antigos aristocratas.

Ela tinha de tal maneira a certeza que a sua causa triunfaria e os revolucionários seriam aniquilados que escondeu num balseiro a sua baixela de porcelana e a de prata; enterrou no jardim o seu ouro, os seus diamantes e as suas pedras preciosas; assim como os pergaminhos e os documentos do emigrado Graillett e, no bosque, os seus bronzes juntamente com os bustos dos reis de França.

Em sua casa, no sotão, foi encontrado um autêntico depósito de fazendas e mercadorias riquissimas, depósito êsse cuja existência ela tinha negado. Foi também lá encontrada uma enorme colecção de gravuras e panfletos contra a Revolução.

Enfim, essa muher, com a ajuda de quem, Forth, o célebre espião inglês, punha em execução os perfidos designos da côrte das Tulherias e da de Londres, praticou todo o mal que pôde, mantendo correspondência e relações de amizade com os mais encarniçados inimigos da República tais como: Crussol de Poix, Canonet, Calonne e uma série enorme de outros, cujos nomes seria fastidioso ennumerar.

E, tanto é verdade a acusada em Londres estar sob a proteção do govêrno que, na própria ocasião em que a França declarou guerra á Inglaterra, ela permaneceu tranqüila, enquanto os outros franceses eram uns expulsos e outros cruelmente perseguidos.

Basta êste facto para não deixar a menor dúvida sôbre o papel odioso, que esta mulher representou. Semelhante criatura deve ser considerada, não apenas como um abismo horroroso, que engoliu uma quantidade espantosa de milhões, como um dos maiores flagelos da França.

Quanto aos banqueiros Vandenyver foram êles, indiscutivelmente, que serviram de intermediários entre a du Barry e os emigrados.

No espaço de dois anos forneceram a du Barry uma letra de crédito de 6.000 libras esterlinas, outra de 2.000, outra de 50.000, outra ainda ilimitada, sem contar com as duzentas mil libras para La Rochefaucauld. Tudo isto, após a promulgação da lei contra os emigrados, lei essa que os obrigava a considerar a du Barry como emigrado.

De resto, êsses homens, desde sempre inimigos da França e da Liberdade, já, em 1782, haviam sido cumplices dum conluio entre o rei de França e o de Espanha, que tinha por fim provocar a bancarrota nos dois países e, por conseguinte perpetuar a escravidão dos franceses.

Posteriormente, em 1792, alistaram-se nos cavaleiros do punhal e tomaram parte nos massacres do povo!

Procedeu-se em seguida à audição das testemunhas.

Jorge Greive, de quarenta e cinco anos de idade, escritor, declara ter conhecimento que a acusada du Barry impediu o recrutamento em Louveciennes. Além disso, que achou, na noite de 22 de Setembro passado, no próprio dia em que ela foi detida, num sitio que, de ordinário, servia para guardar a ferramenta do jardineiro, uma quantidade de peças bastante valiosas pertencentes a uma baixela de prata; perto duma alea, a famosa baixela de ouro e, noutro lugar, enterrados, muitos luizes e escudos de seis libras, juntamente com o busto de Luiz XV e diversos bronzes de arte; debaixo dum monte de palha, uma quantidade de joias, objectos de ouro e de prata. Ultimamente, descobriu também o retrato do Regente e o de Ana de Austria.

«Observa a testemunha que Faurnier, juiz de paz do distrito, procedeu ao inventário dos objectos que foram encontrados.

«Acrescenta a testemunha que, nos papeis da acusada, encontrou uma carta, cuja assinatura, embora riscada a tinta, se pode reconhecer como sendo a de Forth, espião ingles, que veio a Paris, em 1777, para seguir de perto os passos de Franklin e que andava constantemente de viagem entre Paris e Londres.

«Declara que viu êsse espião (que havia sido recompensado com uma importante pensão pelas suas diligências por ocasião da guerra da América) várias vezes em casa da acusada, a qual possuindo diversas residências em Paris, recebia em sua casa emigrados e partidários do antigo regime.

«Com respeito ao roubo dos diamantes a sua opinião, como de resto a geralmente aceite em Louveciennes, é que semelhante roubo nunca se deu.

Luiz XV (Quadro de Carle van Loo)

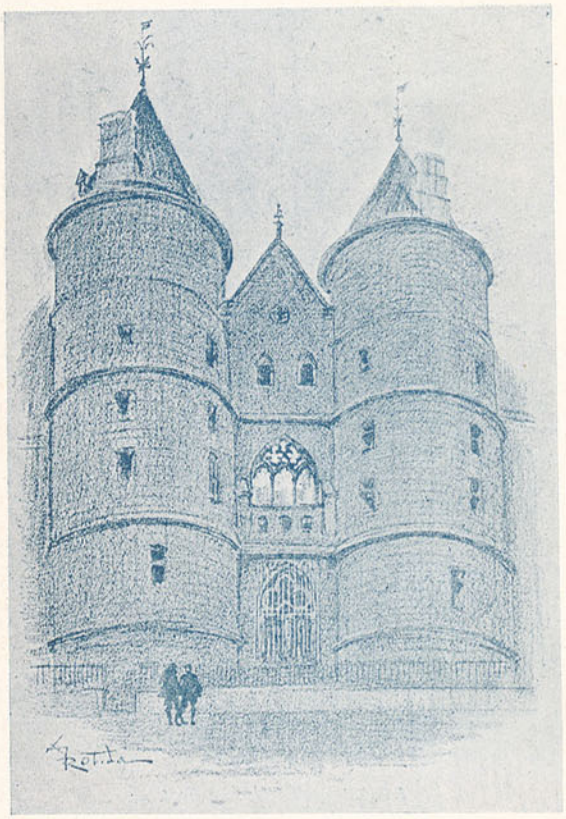
«*O vice-presidente à acusada.* — Recebeu Forth em sua casa?

«R. — Recebi.

«D. — Durante o seu primeiro interrogatório declarou que, no momento do seu regresso, em Março de 1793, o seu processo estava concluído; ora, porque razão, pregunto-lhe eu, o certificado mencionava que era absolutamente necessário que voltasse a Inglaterra?

«R. — A fim de receber os meus

Aposentos de Madame du Barry



As tôrres da Conciergerie

diamantes e pagar as custas do processo.

«A testemunha acrescenta que a acusada com o fim de obter autorização de ir a Inglaterra, mentiu à Convenção, ao afirmar que as suas jóias roubadas (dizia ela) eram a única garantia dos seus credores quando, na verdade, possuia imensos valores: 150 mil libras de renda na Camara de Paris; cento e noventa acções na Caixa Economica no valor aproximado de oitocentas mil libras e uma grande quantidade de diamantes e pedras preciosas.

É ouvida outra testemunha.

«Xavier Andouin, adjunto ao Ministério da guerra, declara que alguns dias depois de 10 de Agôsto de 1793, percorrendo com as forças armadas a floresta de Saint Germain, foi informado de que o castelo de Louveciennes estava cheio de antigos gentis-homens da côrte.

Dirigira-se lá e a *acusada,* depois de lhes haver mandado dar de beber, afirmou que não tinha ninguem hospedado em sua casa.

Preguntara-lhe, contudo, o que havia dentro de certa divisão, cuja porta se encontrava fechada. Ela respondera, dizendo que era roupa suja, mas que não sabia onde estava a chave.

Estas tergiversações havendo-lhe parecido suspeitas, mandara arrombar a dita porta e dentro encontraram deitado, um rapaz chamado Maussabré. A *acusada* tinha de certo muita estima por esse rapaz visto que, ouvindo-nos dizer que o íamos conduzir a Paris, ofereceu logo a sua carruagem para o transportar. Além disso, mostrou-se extremamente comovida quando esse Maussabré principiou a dizer: «Se me levam para Paris, serei fatalmente massacrado».

Desde então (acrescenta a testemunha) tem sido várias vezes procurado por um certo cavaleiro d'Escourt, que lhe tem solicitado a liberdade do dito Maussabré, ao que se tem recusado devido ao facto de êsse particular, quando foi preso em casa da *acusada,* não ter apresentado nenhum documento que certificasse a sua qualidade de patriota.

Procedeu-se à audição de outras testemunhas.

«João Baptista Blache, Delegado da Comissão de Segurança Pública, declara ter visto a acusada no dia seguinte ao do regresso da sua primeira viagem a Londres, passeando de carruagem na companhia do tal Forth, que, por ocasião da guerra da América, viera a Paris com *mylady* Barymorè, a fim de a prostituir ao conde d'Artois ou ao duque de Orleans expressamente, no intuito de, por éste canal, causar a desunião entre a França e a América.

Juntamente com a *acusada* e o dito Forth viu um homem de certa idade que lhe disseram chamar-se Pons, ex-constituinte.

«Declara também que a *acusada,* quando da sua primeira estada em Londres, se hospedou em casa de um frances chamado Grenier e durante a segunda, se alojou em «Marguerite Street Oxford», onde recebia emigrados pertencentes à alta aristocracia e, entre êles, a mulher de Calonne. Durante a sua terceira estada em Londres a acusada foi fazer uma visita ao cidadão Saint Far, irmão putativo do Orleans, que acabava de alugar em «Boulton Street Barks Square» um palácio todo mobilado para Bouillé. Como êste ultimo não chegasse a vir, Saint Far cedeu o palácio á *acusada.*

«No mês de Janeiro de 1793, depois da morte do Capeto, a *acusada* vestiu-se de luto com o maior fausto, como é uso na sociedade inglesa, e assistiu a todas as exequias mandadas celebrar pelos potentados inimigos da República.

«Observa a testemunha que, tendo-se visto obrigado a sair de Inglaterra por ordem do rei, regressara a França e havendo sido encarregado pela Comissão Geral de Segurança de diversas missões importantes, que lhe proporcionaram diferentes idas a Louveciennes, fôra convidado pela *acusada* a alojar-se em sua casa, o que aceitára.

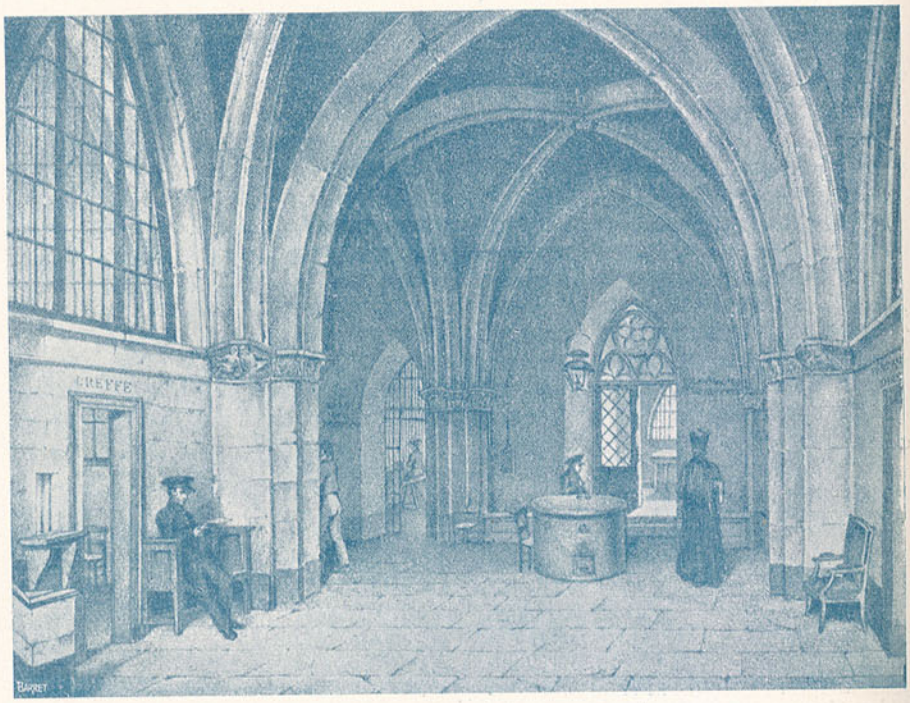
«Conversando com ela, falara-lhe das viagens que ela tinha feito a Londres e das pessoas com quem lá se havia encontrado, não lhe ocultando que era conhecedor das comunicações ilicitas, que ela mantinha com essas ditas pessoas.

Em resposta a esta observação, ela disse-me: «Sim, é verdade... mas eu apenas mantinha com essas pessoas relações de sociedade e nada mais».

A testemunha mostrou-lhe a lei promulgada no mês de Março, lei essa que pune com a morte todo aquêle que mantenha relações directas ou indirectas com os inimigos da República. No dia seguinte, a acusada ofereceu um almôço aos oficiais da municipalidade de Louveciennes e incluiu Blache no número de convidados.

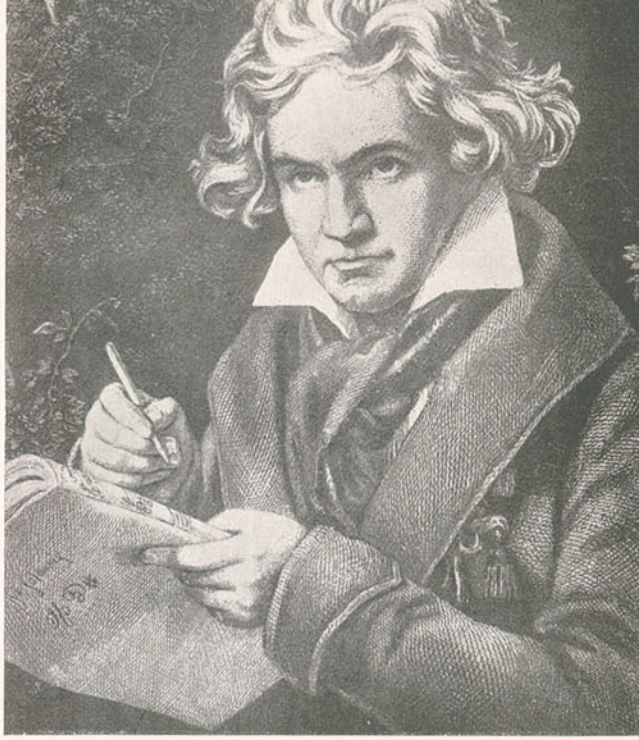
(Continua)

EUNICE PAULA



Sala de entrada da Conciergerie

VIDAS DE GLÓRIA E DE TRAGÉDIA



Beethoven

RECORDO *Um grande amor de Beethoven*. Não me passou ainda a impressão de tão incomensurável talento e de tão imensa desgraça.

Vivi com Harry Baur a sua enorme dor, as suas explosões de júbilo, o seu desespêro, a sua glória.

Porque não há-de a natureza ser mais justa, mais equitativa e generosa, dando a sedução física, a quem tanto encanta pelo espírito?

É porque seriam dons de mais para uma criatura só, e é por isso que vemos tanta beleza idiota, e tanto engenho abrigado em tôsco envólucro.

Só as mulheres verdadeiramente inteligentes preferem o talento aos dotes corporais.

As outras prendem-se por «Adonis» quási analfabetos e com linguagem de carroceiros.

Beethoven, que era feio — mesmo muito feio — teve a sorte de encontrar na sua vida duas mulheres inteligentes e cheias de um sentimento artístico, que ouviam o sublime músico, mais do que o viam.

A sua música tomava aos olhos dessas mulheres o lugar da beleza de feições e da elegância da figura que lhe faltavam.

O seu talento musical era para elas o que o perfume é para a flor.

Ambas o amaram, mas de tão diferente modo...

Julieta era a apaixonada absorvente, que só mais tarde, ao ver-se ligada a um cretino encadernado em pergaminhos, reconheceu quanto pode a beleza espiritual sôbre os encantos físicos.

A outra, Tereza de Brünswick era a devoção, a ternura, o amor-sacrifício que acima da sua ventura põe a do homem amado.

Balouçado entre estas duas solicitações, o compositor da «Sinfonia Heróica» era como a rosa dos ventos, voltando-se para onde mais fortemente o puxavam.

Mas o seu coração sentia-se prêso, com mais fortes cadeias, a Julieta — a «imortal amada».

A surdez — a sua tragédia — não o deixou ser feliz, não o deixou ter um lar.

Como havia de acorrentar a si uma mulher com quem não podia comunicar, senão por escrito, de quem não podia ouvir a palavra que entontece, a afirmação carinhosa de um grande amor, senão através dêsses odiosos quartos de papel que trazia pendurados ao pescoço para trocar conversa com amigos e indiferentes?!

Era tirar tôda a poesia aos recontros amorosos, era materializar ridìculamente êsses arroubos deliciosos que êle cantou divinamente, na *Sonata ao luar* e na *Apassionata*.

E emquanto via desfilar no «écran» essa vida agitada como um vendaval, e quanto êle morria e no ar subiam as notas vibrantes das suas «Sinfonias», aclamadas na hora própria em que os seus olhos se fecharam para sempre, eu pensava noutras vidas doutros génios que a asa da desventura também roçou descaroàvelmente.

E lembrei-me dêsse artista imortal que à Espanha deu tanto brilho — Francisco Goya.

Êsse garotete atrevido, que no seu «pueblo» jogava à pancada com quanto rapaz lhe aparecia, que andou fugido à polícia, mais tarde, por ter dado uma navalhada num parceiro, estava destinado a vir a ser, com Murillo, o expoente mais luminoso da pintura espanhola, em polos opostos de inspiração.

Goya foi o copista fiel da graça da mantilha e da peineta, e foi com o mesmo êxito o épico pintor da «fiesta brava», essas toiradas em que homem e toiro se defrontam, rivalizando em audácia e bravura.

E para isto andou antes pelas arenas, metendo ferros mais ou menos «en su sitio» e levando marradas com certeza dadas com vontade.

Não nos dizem os seus biógrafos se êle chegou a ter brilho na sua «faena» mas isso não lhe põe nem lhe tira.

E deu-lhe a maestria da paleta e do pincel, em qualquer quadro de redondel em festa.

Pois êste ficou surdo também e afastado do convívio dos homens pelo golpe da má sorte, dêles se afastou ainda mais, por vontade própria, indo refugiar a sua desgraça numa quintarola de província, que ficou conhecida pela «quinta do surdo».

É assim que a ingrata gente paga aos valores da sua pátria.

Mas a surdez de Francisco Goya não teve para êle, para a sua arte, a importância que teve para Beethoven.

O pintor precisa apenas da vista para pintar, o músico pode também *in mente* ouvir as suas notas, mas é diferente, muito diferente de ouvi-las «cá fora» como qualquer outro ouvinte.

A tragédia do ensurdecer é que é igual para todos, artista ou não.

Deve ser um horror, sentir-se isolado, ver sombras em vez de gente, porque sombras que passam hão-de figurar-se-lhes tôdas as pessoas com quem não podem trocar impressões.

Que o diga António de Andrade, a quem a surdez afastou dos palcos onde teve noites triunfais.

Que o diga essa encantadora Branca de Gonta, cujos ouvidos são os seus olhos, que lêem nos nossos lábios as palavras que não pode ouvir.

E lembrei-me ainda da tragédia do nosso Joaquim de Almeida — o mestre dos mestres — maior ainda do que a dos génios que apontei.

Ser cego deve ser com certeza a maior dor e a maior miséria física. Não ver mais os entes adorados, não ver mais o lindo céu da sua terra, andar constantemente envolvido na treva, nunca mais ser dia para os seus olhos, não creio que possa imaginar-se suplício maior!

E Joaquim de Almeida cegou, depois de nos ter arrasado a alma com as suas criações, desde a revista à opereta, desde a farsa à tragédia.

Pela vida fora o seu espírito esmaltava todos os assuntos em que tocava. O seu génio deslumbrava-nos em tôdas as manifestações do seu histrionismo. Mas a tragédia era o seu trabalho de Hércules, e foi ela que o empolgou, que o amachucou nas suas mãos cruéis, tirando-lhe a luz dos olhos tão francos e tão leais.

MERCEDES BLASCO

Joaquim de Almeida

Presépio napolitano — Pertence à sr.ª D. Maria Luiza Madeira Pinto de Magalhães

OS PRESÉPIOS PORTUGUESES

Excêrto dum livro

CHEGADO o momento de falarmos das vistosas maquinetas de Natal, armaretes com presépios e grandes composições animadas com cênas da Adoração — motivos principais dêstes escritos — basta-nos saber que o primeiro *presépio* completo, do qual temos memórias num manuscrito de confiança, datado de 1624, existia há muito no convento dominicano de S. Salvador, em Lisboa, e sôbre o qual um outro documento de igual valia, atesta a sua existência já um século antes, pelo menos. Nos começos do século XVI êle se venerava talqualmente como dois séculos depois se adoravam os mais célebres das nossas colecções.

Isto nos contentará em resposta de quem nos julgue apenas imitadores, e presuma os nossos presépistas influenciados pelos italianos de Mafra, pela natural coincidência de ali se ter fabricado um presépio, que desapareceu, e lá em casa particular ainda se conservar uns barros doutro, incompleto. Será possìvelmente ousado apoiarmo-nos também numas páginas de Herculano, probo historiador, mas de rica imaginação, quando êle numa narrativa da inauguração da abóbada da Batalha, coloca um grande presépio sôbre o estrado onde se representou um auto da «Adoração dos Magos», obra que diz dos dominicanos, mas muito bem pode ser da sua fantasia.

Luiz Chaves, no seu livro «Os barristas Portuguêses», afirma com autoridade de investigador, que entre nós «principiou a divulgação e mestrança dos barristas no século XVI». Antes, porém, já em Portugal se modelavam imagens em barro, como em tôda a parte, o que é naturalíssimo e a tradição idolátrica justificava, partindo-se de que a argila em todos os tempos e lugares, fôra o elemento mais importante na revelação instintiva e fatal dos plásticos. Onde houver pedra há pedreiros; onde houver barro, aparecem os barristas. E onde houver fé, as imagens surjem, quer em pedra, em madeira ou em barro. Os materiais justificam as profissões, e as crenças provocam as artes. Segundo a lenda fundadora da escultura, foi a argila dos oleiros a razão auxiliar, que por um motivo de amor sugeriu ao homem a invenção da sua imagem, depois utilizada para glória dos deuses.

Desde o século XIV, pelo menos, que as esculturas em pedra documentam na nossa terra, o culto da *Natividade*. Se percorrermos os lavrados em granito nos capitéis, e os relêvos dos túmulos ou altares, com cuidados próprios, lá descobriremos reminiscências daquêles gravados, cuja invenção do século IV se desenvolvera com a devoção do pai de Santa Constança. Em Atouguia da Baleia, por exemplo, possuímos um famoso baixo-relêvo, de mãos portuguesas e do séc. XIV, com a cêna do Nascimento de Jesús; da mesma era temos outro no sepulcro de Inês de Castro, em Alcobaça, além doutro quadro com a «Adoração dos Reis». No formoso túmulo de Afonso Sanches, em Vila do Conde, os nossos canteiros lavraram as mesmas cênas. Em Montemór-o-Velho — e isto para citarmos apenas exemplos —, possuímos uma linda composição da Natividade, irmã de outras já recolhidas a museus. Na ourivesaria gótica, assim como no marfim existente em Évora, também gótico, a Adoração do Presépio aparece já com encantos de personalidade, que imprimem nacionalidade à concepção e execução dos artistas.

Acompanhando as lôas dos autos do Natal, em muitos lugares e no decorrer dos tempos, se desenharam essas composições do Divino Mistério, não só na pedra e na prata, mas nas iluminuras dos livros devotos — o Missal de Estêvão Gonçalves Neto é uma prova — e nas táboas dos nossos mais célebres pintores. Logo, não nos furtemos a honra irmã da que os estrangeiros defendem, de sôbre tema tão belo havermos criado obras nossas e de beleza.

Alcobaça — Túmulo de D. Inês de Castro — «Adoração dos Magos»

* * *

Pondo de parte os casos da escultura em matérias menos dúteis que o barro, temos de constatar que a dívida apregoada a Alexandre de Giusti, arribado a Portugal em meados do séc. XVIII, o qual ao chegar a Lisboa e ao entrar na igreja de S. Roque, logo ali admirou as imagens modeladas pela insígne escultora Inácia de Almeida, «muito perita na escultura do barro e cêra», não é justa nem merece grande respeito, como as famas fáceis dos levianos críticos o têm dito. Em Lisboa e na província, já por cá havia bastantes barristas e inventores de presépios, com dois séculos de tradição, pelo menos, e quiçá de escola. Luiz da Costa, pai daquela escultora, «modelava figuras com igual perfeição», no séc. XVII; e Francisco de Olanda, no século anterior, aprendeu com seu pai António de Olanda, «a modelar o barro», segundo afirmam Taborda e Machado. O pai de Machado de Castro e o pai de António Ferreira também foram barristas, discípulos doutros barristas e professores dos filhos, muito antes de cá ter chegado o célebre italiano.

Mafra, quando muito, foi uma escola de canteiros, revolucionária nas formas colhidas ao Cavaleiro Bernino do século XVII, como o provam os modêlos das imagens ainda lá existentes na galeria do convento. Foi uma bôa oficina prática de estatuários no mármore, embora Cirilo desdenhe das suas virtudes, que muito contribuíu para o desenvolvimento do talento natural dos nossos escultores que não tiveram a sorte de José de Almeida e outros, mandados anteriormente a Itália, pelo rei, para aperfeiçoamento dos seus dons profissionais.

Claro que não dizemos, como Volkmar Machado maliciosamente escreve nas suas *Memórias*, para defender as qualidades dos barristas e dos santeiros em madeira, que queria superiores aos artistas vindos de fóra, que as estátuas de mármore executadas então, eram «más e quási tôdas feitas por estrangeiros». A gratuïdade facciosa destas críticas vulgares nos artistas — Volkmar era pintor e crítico, pouco dado a amistosas relações com os colegas —, vale a de muitos outros que usam de cepticismo perante o que presumem nacional. O autor das *Memórias*, ao ferir a verdade com referência aos estrangeiros, agrediu o mérito dos nossos estatuários mais valorosos de então, que devemos confessar muito terem aprendido com os italianos de Mafra, mas sòmente no jeito de delinear, compôr e trabalhar a pedra, que há muito entre nós andava perdido e bastante incerto de cultura.

Acabemos com a injustiça dêste crítico e com as lendas dos outros quanto ao mérito e funções de Giusti, que foi exemplar professor no talhe do mármore e proveitoso estimulante para o aparecimento de estatuários.

De presépistas é que nos parece grande êrro dizê-lo, tanto mais que os presépios conhecidos, existentes ainda ou desaparecidos já, são todos atribuídos pela tradição, não tão remota como isso, a escultores portuguêses das várias oficinas de Lisboa e da província; e nem um sequer a êste ou àquêle italiano, ainda que certos pormenores de indumentária nas figuras recordem Nápoles, como outros lembram o Tirol, Sevilha e até a França. É curiosa a coincidência daquêles grupos pastoris, no presépio que foi dos Marquezes de Borba, cujos autores eram portuguêses; até parecem desenhados por Watteau. É certo que êste pintor, a-pesar-de muito francês, trazia na alma a comédia italiana.

Na exposição do Museu das Janelas Verdes apareceu apenas um presépio, que pertencera a Frei Gabriel de Jesús Maria, franciscano de Brancanes, no qual mãos de artistas portuguêses não tocaram. É incontestàvelmente uma obra italiana, com técnica especial e arranjo de quadro, onde as figuras de *roca*, vestidas a capricho com setins e rendas naturais — uso italiano e provençal — se agrupam em pitoresco efeito, com o boi branco de lá e as núvens de algodão em rama suspensas em galhos de árvore, à maneira do teatro popular. Propositadamente êste estrangeiro foi escolhido para figurar entre os portuguêses, a-fim da crítica mais sisuda estabelecer confrontos, e pela análise, desde a composição ao mais pequenino pormenor da técnica escultórica, se convencer de quanto os demais eram portuguêses. Juntamos a êste presépio mais três ou quatro figuras doutras origens, para reforço desta intenção esclarecedora, no caso das imagens de Mafra ali trazidas não serem suficientes para findar os enganos.

Pois a-pesar-disso, ou porque as paixões ceguem os juízos, ou porque a preguiça não consentisse aos julgadores o cuidado dos confrontos, não faltou quem depois da festa continuasse a dar a César o que era de Deus, só porque lá viu pandeiros e fatiotas bisarras, que mal conhecem dos guarda-roupas de teatro.

DIOGO DE MACEDO

Grupo popular do presépio do Sacramento

Grupo de anjos dum presépio ignorado

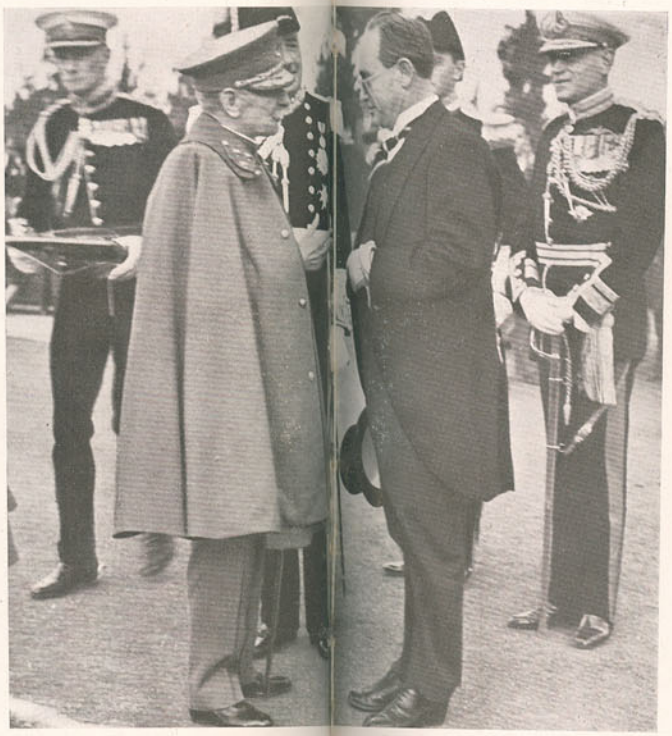
ECOS DA VIAGEM PRESIDENCIAL

A Beira vestiu galas para a recepção do Chefe do Estado. Na gravura vê-se um aspecto das ornamentações nas ruas

O Chefe do Estado em continência, enquanto se toca o hino portu[guês], assiste a um desfile de tropas em Pretória. Ao seu lado esquerdo vê-se Sir Patrick Dunkell, representante de S. M. Jorge VI na União Sul Afri[cana]. *Em baixo:* O Sr. Presidente da República conversa com Mr. Oswaldo Pirow, o inteligente ministro da Defesa do jóvem país Sul-africano

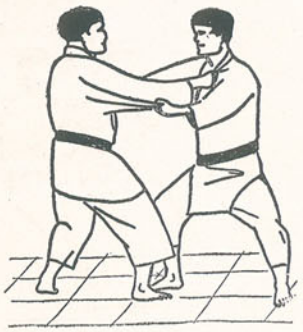
O Presidente da República Portuguesa durante a visita à Fortaleza de Moçambique

O Senhor Presidente da República durante a visita à cidade de Moçambique. *Em baixo:* Cinco elegantes preparam-se para assistir ao *garden-party* em honra do Sr. General Carmona, em Lourenço Marques.



O Chefe do Estado troca impressões com o Governador Geral de Moçambique, cap. Nunes de Oliveira. *Em baixo:* O grupo coral da Escola Rudimentar de Macuse, que entoou a «Portuguesa» por ocasião da visita do Sr. General Carmona à Companhia do Boror

O Sumo, desporto nacional do Japão



A luta *Sumo* é o desporto nacional dos japoneses; é uma luta um pouco no género da luta greco-romana.

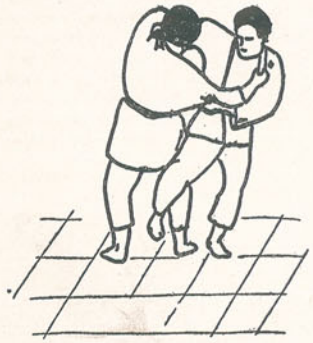
Há alguns anos tivemos ocasião de presencear no Coliseu de Lisboa os exercícios de um grupo de lutadores desta especialidade do Extremo Oriente.

Tinha-se realizado em Londres uma importantíssima exposição anglo-nipónica, onde estavam representadas tôdas as actividades japonesas: escolas; as célebres cerejeiras em flor; gueichas que pintavam lindos biombos e dançavam as suas danças nacionais perante um público extasiado; gravadores em cobre e em madeira; grupos de prestidigitadores estonteadores; grupos de jogadores de *jiu-jitsu* e de jogadores de *Sumo*. Foi no seu regresso ao Japão e de passagem por Lisboa que puderam exibir-se no citado Coliseu.

As suas enormes barrigas e pernas estão em contraste com o que na Europa se exige de um gimnasta bem treinado.

A notícia mais antiga que existe no Japão a propósito da luta *Sumo* data do tempo do imperador Suiniu, que viveu 24 anos antes da era vulgar.

Taimano-Kehaya era um nobre de avantajada estatura, dotado de uma fôrça



hercúlea, que pediu ao imperador autorização para ser posta à prova.

O imperador acedeu ao pedido e mandou publicar nas principais cidades do Japão o repto do orgulhoso nobre.

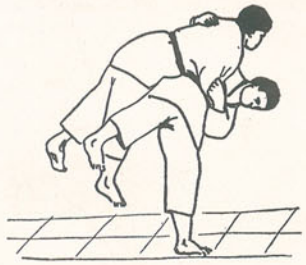
O desafio foi aceite por Nomi-no-Sukune, que derrubou o antagonista e o matou, dando-lhe um ponta-pé nas costelas.

Em resultado da derrota de Taimano-Kahaya foi Nomi-no-Sukune proclamado campeão do *Sumo*.

Fixaram-se posteriormente 48 golpes considerados legais, que se compunham de doze quedas, doze elevações, doze contorsões e doze arremessadas para trás das costas.

Todos os outros golpes eram considerados traiçoeiros e competia ao árbitro vigiar atentamente por que os golpes proïbidos não fôssem empregados.

O jornal japonês «Edo Hanjoki» escreve a seguinte notícia a respeito dêste desporto: «Desde o romper da manhã



até às 8 horas anunciam os toques de tambores a realização de um espéctaculo de *Sumo*, e os espectadores levantam-se manhã cedo para assistirem à exibição.

«Repleto o local, onde a cena vai ter lugar, entram os lutadores adversários vindo um do oriente e outro do ocidente.

«São ambos homens altos e fortes com tendões e ossos de ferro. Encaram-se mútuamente como os deuses de Nio. O árbitro contempla-os até que os dois respiram simultaneamente e êle levanta então o seu leque para dar começo à luta.

«Avançam um para o outro como tigres ferozes. Cada um dêles quere derrubar o adversário por contorsão ou levantando-o ao ar.

«Mas a luta não consiste numa exibição de fôrça bruta; demanda habilidade e ciência. Ambos fazem uso dos quarenta e oito golpes leais.

«O árbitro dança em volta dêles da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, atento a que se não empregue qualquer dos golpes proïbidos.

«Uma parte dos espectadores é pelo oriente, a outra pelo ocidente e a comoção é tal que de punhos cerrados seguem os movimentos dos contendores sem uma só vez pestanejarem até que por fim um dos lutadores, oriente ou ocidente, vence o outro e o árbitro cobre-o com o seu leque para o proclamar vencedor.

«O estrépito dos aplausos faz tremer o chão e o *ring* enche-se de quimonos e de objectos de valor, que à saída têm de ser remidos a dinheiro.»

Causa estranheza que num país de habitantes relativamente de pequena estatura, apareçam estes lutadores de proporções tão avantajadas.

A altura dos jogadores é em média de 1m,80 e o seu pêso, também em média, aproxima-se de 180 quilos. Há também verdadeiros gigantes que atingem um metro e noventa centímetros e mais de altura e duzentos e cinqüenta quilos de pêso; não são, porém, os gigantes que alcançam as maiores classificações.

O lutador mais alto da actualidade é Dewagatake que mede 2m,40 e pesa 250 quilos, mas que nunca atingiu a categoria de campeão e que, em virtude de uma prolongada doença, está hoje posto de lado.

As categorias ou classes dos lutadores são as seguintes: *Yokozuna*, *Ozeki*, *Sekiwake*, *Komusubi* e *Maegashira*, e a última ainda se subdivide em *Makuuchi*, e *Makushita*.

Abaixo de *Makushita* há os *Juryo* e é necessário que o lutador atinja o grau de *Juryo* para ter o direito de se considerar um sumotori ou cultivador do *Sumo*.

Os candidatos a jogadores têm primeiro de submeter-se a um exame físico;

se conseguem aprovação recebem o título de *deshi* ou jogador pertencente a um campeão e começa então a carreira profissional.

E' necessário em geral um treino de exercício intensivo durante quatro anos antes de se alcançar a categoria de *Makuuchi* e daí em diante só os melhores são promovidos.

Em rigor só deveria existir um *grande campeão*, ou *Yokuzuna* mas na realidade há hoje quatro que são: Futabayania, Tamanishiki, Minanogawa e Musa shiyama.

Está claro que a maior ambição de todo o *sumotori* é alcançar a classificação de *Yokozuna*, mas em geral só um de entre mil consegue atingir aquele alto grau. Quem o atinge nunca o perde até ao fim da vida, ainda mesmo que tenha perdido algumas das suas qualidades de lutador.

O lutador mais popular da actualidade é Futabayama, que tem 27 anos de idade, 1m,80 de alto e 280 quilos de pêso em desenvolvidos músculos.

Em todo o Japão se realizam lutas durante todo o ano, mas as únicas exibições que legalmente conferem categoria aos lutadores são as que têm lugar em Toquio duas vezes no ano, em Janeiro e Maio e que duram 13 dias cada uma. São conhecidas por lutas Honbasho. Vem em seguida em grau de importância a luta do mês de Setembro na cidade de Osaka.

O lutador japonês desta especialidade pode, à primeira vista, parecer que não passa de um montão de gordura flácida, de músculos igualmente flácidos, pernas bambas e uma pança descomunal, mas na realidade é dotado de uma fôrça ex-

traordinária e é uma brincadeira rudimentar para êle, levantar ao ar com uma só mão, um japonês de estatura normal.

Para se treinarem encostam-se a uma parede e quinze homens, uns após outros, atiram-se de cabeça impetuosamente contra os seus estômagos, e êles os repelem simplesmente pela fôrça dos seus músculos abdominais e com tal fôrça o fazem que os homens vão parar a distância, sem poderem resistir.

Um outro exercício, que tem igualmente por fim fortalecer os músculos do estômago, consiste em atirar contra a sua barriga pesados objectos, que encontram também a rigidez dos músculos.

Para um *sportman* europeu aquelas monstruosas panças afiguram-se como verdadeiros obstáculos que devem impedir a agilidade necessária, mas para o cultor do *Sumo* quanto maior fôr a circunferência da barriga tanto melhor. O adversário nunca pode envolver uma dessas barrigas com ambos os braços e se

o lutador é hábil e se a barriga oferece uma grande convexidade pode atirar o adversário para fóra do *ring* utilizando-se ùnicamente desta condição.

O segrêdo com que se obtêm êsses grandes estômagos está no treino adoptado: o jogador começa a treinar-se de manhã muito cêdo, com o estômago vazio, e depois de uma hora de exercícios come uma porção de *o-kayu*, que é uma comida composta de arroz tão cozido que fica em papas, depois do que dorme três a quatro horas.

Em seguida toma uma refeição que tem por título *Chanko-ryori*, cuja composição é segrêdo do lutador e preparada por êle próprio.

Muita gente supõe que estes gordos necessitam de muita alimentação, mas o certo é que, na realidade, o lutador do *Sumo* come pouco relativamente à sua

corpulência. Certamente comem mais e bebem mais do que um japonês normal, com a sua pequena estatura e hábitos comedidos...

No entanto, por aposta, encontram-se entre estes homens pançudos alguns capazes de comerem e beberem porções que causam espanto.

Os lutadores, ainda mesmo os classificados com alta categoria, recebem dos seus empresários um ordenado mensal de sete libras esterlinas, mas um campeão de *Sumo* pode contar com um rendimento anual que pode ir de 2 a 5.000 libras, conforme a sua popularidade.

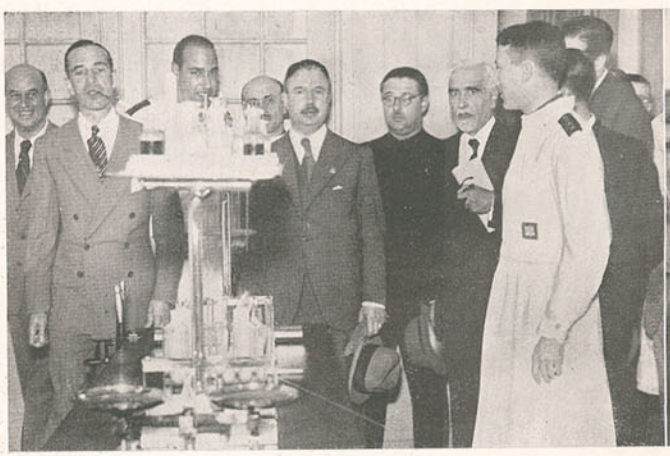
Tem também uma parte nos lucros dos dois grandes torneios, que se realizam em Toquio e Alaska e uma retribuïção certa por cada luta de que saiem vencedores.

No entanto por maiores que sejam os lucros, as suas despesas são igualmente enormes; cada campeão sustenta um séquito de *deshi* ou aspirantes a lutadores que compõe por assim dizer a sua côrte e lhe dão prestígio. O séquito de Tamanishiki compõe-se de uns oitenta *deshi*. Têm também direito a uma reforma pela qual recebem anualmente de 200 a 500 libras, segundo o tempo que têm de lutadores, desde que atingiram a categoria de *Makuuchi*. Depois de reformados vivem uns da sua pensão e outros dedicam-se ao comércio ou tomam a chefia de novo grupo de lutadores, e fiéis ao desporto, que praticaram durante a vida, nunca dêle se desligam completamente.

ADOLFO BENARÚS

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Um aspecto da procissão dos pescadores realizada em Viana do Castelo. *A' direita:* O sr. Cardial Patriarca de Lisboa chega a Alcobaça para presidir ao Congresso Eucarístico



O sr. ministro da Educação Nacional durante a sua visita ao Centro Médico Desportivo da "Mocidade Portuguesa". *A' direita:* O rebocador "Cabo Sardão" foi abalroado e afundado por um navio inglês. Alguns dos sobreviventes contam como se salvaram do desastre

As equipas de "water-polo" húngara e do Sport Algés e Dafundo que se defrontaram na piscina do clube português. O resultado foi favorável aos húngaros. *A' direita:* O sr. dr. Carneiro Pacheco assiste ao festival de natação em que colaboraram exímios nadadores húngaros e nacionais

O DESPORTO ATRAVÉS DOS TEMPOS

NÃo há mais deliciosa época para praticar todos os desportos, ao ar livre, do que esta em que vamos entrar. O mez de Setembro é de todos os mezes do ano aquele que mais convida ao exercício, principalmente ao exercício ao ar livre.

Acabado o tempo do grande calor, Setembro tem dias lindíssimos em que brilha o sol dando alegria ao ambiente – mas não o sol esbrasiante de Julho e Agosto – e a temperatura suave incita-nos a gozar do prazer de fazer desporto, respirando um ar puro que nos lava os pulmões e os robustece contra os pérfidos ataques do inverno que nos espera.

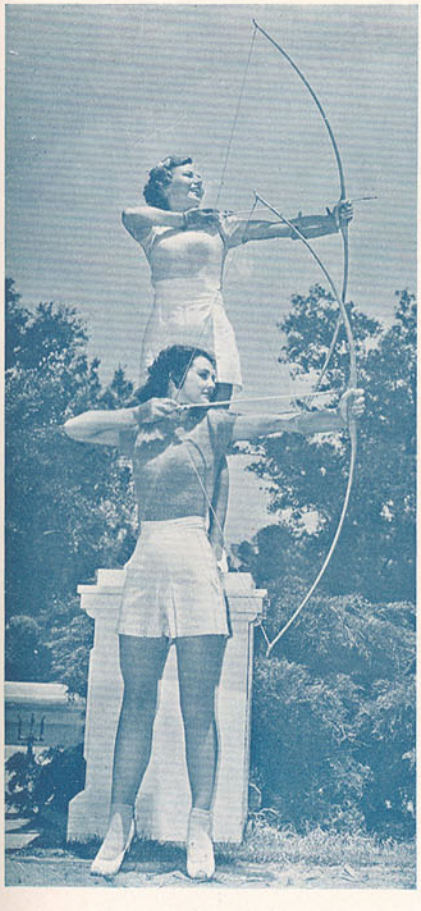
Cada vez se faz mais desporto, cada vez se trata mais de desenvolver e robustecer o corpo humano. Homens, mulheres e crianças, todos fazem gimnástica, todos fazem desporto e é portanto interessante ver o que tem sido o desporto atravez dos tempos e qual a sua influência na humanidade.

Nos tempos da Grecia toda a mocidade fazia desporto. Claro que não era o mesmo que se pratica hoje. O arco e a flecha, o disco eram os desportos favoritos, que hoje estão quási postos de parte e poucos são os que os praticam.

As corridas pedestres preparavam os gregos para a árdua tarefa da guerra, e, célebres são as corridas de Maratona, que ainda hoje se fazem e glórias têm dado a alguns amadores do pedestrianismo.

Os romanos dedicavam-se mais ás corridas de bigas, mais cruéis; os seus desportos favoritos eram em geral combates em que se perdia a vida e que acabavam por tornar insensiveis e duma atroz crueldade, as creaturas que a eles assistiam, e se divertiam com tão bárbaros espectaculos.

Nos tempos da Idade Média e depois da Renascênça os desportos eram também dedicados a crear denodados guerreiros e quási se pode dizer que constavam também de cavalaria e torneios, que se tinham outra elegância de apresentação, não passavam também de bárbaros combates onde perigava a vida do homem, esse dom precioso de Deus, que o homem expõe tantas vezes por ninharias que nada valem



A mulher estava completamente posta de parte nesses desportos e pode quási dizer-se que o único que praticava era a equitação, que tinha como desculpa a dificuldade de comunicações, e que lhe permitia o transportar-se dum lado para o outro nessa época em que jornadear era um pesadelo e demandava fôrças e resistencia, para poder suportar fadigas, que os maus caminhos tornavam torturantes.

E embora a mulher de outras épocas fôsse certamente mais saudável, era preciso uma grande robustez para fazer em muitas horas trajectos que hoje se fazem em meia hora quando muito.

Mas pouco a pouco a mulher começou a fazer desporto, a querer tomar parte nessa vida ao ar livre que o homem fazia e que o robustecia, enquanto a mulher se estiolava fechada em casa, e, terras de província havia em que até chegar à janela, respirar um pouco de ar puro, era mal visto e não havia senhora que prezasse a sua reputação, que se atrevesse a fazê-lo. Com arte a mulher começou a fazer com que fôsse considerado elegante um certo número de desportos, que lhe permitiam gozar o prazer de respirar ao ar livre.

E assim começou a fazer patinagem, a jogar o volante com «raquettes», bem parecidas com as que hoje se usam para o «tennis».

A seguir veio o «craquet», esse precioso jôgo que se presta a conversar, a coquetear, a fazer o que hoje se chama á ingleza «flirt» e a que os francezes chamavam «conter fleurettes».

Jôgo que as «coquettes» aproveitavam para fazer valer os seus pèzinhos bem calçados, que as longas e rodadas saias, não deixavam quási avistar.

Em seguida apareceram esses pequenos carros, as «charrettes», que as inglezas, as mulheres que mais cedo, instigadas talvez, pelo seu mau clima, que faz do exercício uma necessidade para manter a saúde em equilibrio, começaram a governar.

Com casacos especiais, envoltas em véus de gaze contra a poeira que lhes sujava o cabelo, elas aí iam nas suas «charrettes», encantadas com essa liberdade tão nova de dispensar cocheiro e de se guiar na vida.

Era então, tão elegante ou mais, guiar uma «charrette» do que é hoje conduzir um automovel das mais modernas marcas, e de linhas aerodinâmicas.

Com os primeiros «tailleurs» que a moda lançou, primeira aproximação da moda masculina, tão diferentes dos que hoje se usam, apareceu o «diavolo» esse jôgo de habilidade que permitia as posições graciosas em que podia brilhar um elegante corpo de mulher.

O «tennis» já usado em Inglaterra e praticado por todas as inglezas dessa época que se dedicavam ao desporto, fez a sua aparição entre nós, que timidamente o começámos a jogar.

Mas que diferença existe entre o «tennis» dessa época que se jogava com saias dois dedos acima do chão e aquele que vemos jogar hoje em pijama ou com «short», que é uma ilusão de roupa.

Que diferença entre os gestos que então se consideravam ousados e os saltos das desportistas de hoje, de que Suzanne Lenglen a falecida campeã do «tennis» foi a iniciadora.

Que aqui para nós tais exageros não me parecem convir muito á saúde da mulher, sempre mais frágil que a do homem apesar do que dizem as que apregôam a igualdade dos sexos, mas que a morte de Lenglen na fôrça da vida, depois de várias operações vem demonstrar como uma verdade.

O desporto é da maior utilidade á mulher, mas sem exagero demasiado, e, entre a vida confinada entre quatro paredes das casas de nossas avós e certos exageros de desporto em competição com homens de grande robustez, há um meio termo de que convirá não afastar muito, se a mulher quere melhorar a sua saude com o desporto e não com êle deteriorar um dos melhores bens que se pode gozar na vida: a saude.

Na gravura da esquerda podemos admirar a elegância de Dianne Cooke e Sally Payne, interessantes artistas do cinema, demonstrando as suas habilidades em manejar o arco e a flexa, passatempo muito praticado em Hollywood pelas «estrelas» e que nos recorda os antigos gregos, que faziam disto um desporto interessante e também a temerosa arma de guerra utilizada por êles em tôdas as tremendas batalhas travadas contra o inimigo.

Como podem ver na gravura de cima, há uma grande diferença entre as «toilettes» usadas por Joan Sayers e Lynne Carver, duas lindas artistas da Metro Goldwyn Mayer que demonstram a diferença entre o «tennis» e o «croquet» como jogos que marcam épocas tão diferentes.

Mas se Joan está graciosa na sua «toilette» de «tennis» de um masculinismo marcado, a delicada Lynne Carver está bem mais graciosa empunhando o taco de «croquet» com que certamente vai triunfar no jôgo, como na vida triunfará com o seu lindo sorriso a abrir-lhe caminho. Há quem diga que as modas antigas favoreciam mais.

É um êrro, todas as modas favorecem desde o momento que sejam femininas, porque o que está provado é que a mulher é tão mais bonita, quanto mais feminina é.

Isto indica que se pratique o desporto, que tonifica o organismo, desenvolve os músculos, torna mais flexível e esbelta a mulher; mas que seja um desporto compatível com o seu organismo e que a não prejudique na sua função natural, a da maternidade.

A mulher foi creada para ser mãi, e não para ser campeã de «tennis».

Ar livre e desporto, mas não cansaço e esgotamento da saude é o que o desporto visto através dos tempos, nos demonstra e marca mesmo até que ponto podemos ir.

E a verdade é que no tempo de nossos avós não se fazia desporto, mas não se contavam entre 90 raparigas 10 que não tivessem sido operadas do apêndice e a verdade é que sempre se teve apêndice e que não consta que fôsse maior a mortalidade da gente nova do que o é hoje.

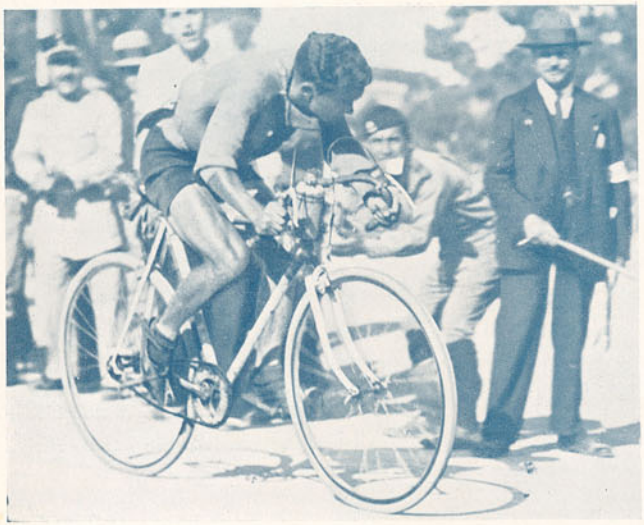
Aproveitem-se pois estes lindos dias de Setembro para fazer desporto, mas que êsse desporto seja para que a saude se robusteça e não em competições, que nada provam e que podem estragar a delicada saude das raparigas de hoje, que serão as mãis de ámanhã, e que terão de contribuir para uma continuidade da raça forte e destemida dos nossos valorosos antepassados.

MARIA DE EÇA.

EVOCAÇÕES

Do velho velocípede

A tradição briga, por vezes, com o Progresso



Alfredo Trindade, az do ciclismo

A bicicleta, tendo substituído o velocípede, conserva ainda o seu prestígio com afincado zêlo. Apesar de ter surgido a motocicleta com tôda a sua velocidade e sem esfôrço para o ciclista, a bicicleta mantem-se ainda em plena actividade, podendo dizer-se que continua a ser a preferida.

A Volta a Portugal, realizada agora pela 8.ª vez, veio demonstrar que a bicicleta tem fervorosos entusiastas, e há de continuar a tê-los, visto o ciclista poder marcar por êste meio as suas faculdades de destreza e resistência que em motocicleta não poderia fazer realçar.

Nestas condições, a bicicleta, com todos os aperfeiçoamentos modernos, não sofreu o declínio do velho velocípede que tanto ruído fez no mundo há cento e vinte anos.

E, assim, é natural que a motocicleta não consiga destroná-la tão depressa.

A bicicleta é encantadora pela sua simplicidade, e como tal é utilizada através das províncias como meio de transporte mais prático e mais económico. Uma motocicleta não estaria ao alcance de qualquer aldeão, não só pelo seu elevado custo, como pelo gasto de combustível de que precisa para o seu andamento. Hoje, o ciclista faz na sua bicicleta tudo o que quere, o que não sucedia com o velocípede de outros tempos.

* * *

Vem a propósito citar alguns pormenores dessa engenhosa máquina de há cento e vinte anos.

Em 1819, o *Diário de Cádiz* referia-se nestes termos ao velocípede, o antecessor da bicicleta, a que chamava o *veloz andador:*

«Esta máquina original foi inventada pelo barão de Drais, intendente do grão

Velocípedes

duque de Baden, que a descreve da seguinte maneira:

«1.º — Que, com ela, se pode subir qualquer encosta com o mesmo andamento que um peão por caminho plano.

«2.º — Que em caminho plano, mesmo que tenha chovido, poderá atingir a velocidade de 6 a 7 milhas por hora, igualando a marcha de um correio.

«3.º — Que quando os caminhos sejam secos e duros, poderá andar em plano, a uma média de 8 a 9 milhas por hora, que é o velocidade do galope de um cavalo.

«Esta ideia baseia-se na aplicação de duas rodas à acção de um homem andando, e pode comparar-se ao princípio que governa as carruagens. Assim como um cavalo, por meio dos tirantes, leva atrás de si com muita maior facilidade qualquer carga do que se a transportasse às costas, do mesmo modo um homem pode transportar o seu corpo por meio do velocípede com muito menor esfôrço que quando tem que sustentar todo o pêso do seu corpo sôbre os pés. É bom notar que o velocípede não tem mais largura que a das suas rodas, e qualquer caminho por mais estreito que seja lhe basta. Numa superfície lisa e dura, a rapidez do velocípede assemelha-se à alcançada pelo patinador sôbre o gêlo, e, pôsto em movimento, pode correr um bom bocado de terreno sem que o ciclista tenha de fazer esfôrço algum.

«Esta máquina não oferece qualquer espécie de perigo, sendo guiada por um ligeiro movimento de dedos. Para a fazer parar, basta que o ciclista apoie os pés no solo.

«Duma simplicidade surpreendente, consiste em duas rodas ligadas por um madeiro sôbre o qual assenta um pequeno selim.

«Para aprender a andar em velocípede, deve colocar-se os pés no chão e andar

Uma ciclista do século XX

SAÜDOSAS

à bicicleta moderna

vezes, com o Progresso

a largas passadas. Só depois de haver adquirido a suficiente destreza no equilíbrio e condução do velocípede, é que deve começar a correr-se com os pés suspensos e quando a máquina tenha o suficiente impulso.

«O selim pode subir e baixar, o mesmo sucedendo com o guiador, adaptando-se à estatura do caminhante».

Esta descrição era acompanhada de uma gravura elucidativa, duma ingenuïdade flagrante, e que foi reproduzida na primeira página do *Diário de la Ciudad de Valencia,* de 8 de junho de 1819.

Já lá vão cento e vinte anos.

O velocípede tinha então os seus admiradores tão entusiastas que chegou a ser moda organizarem-se cortejos nupciais, indo os noivos, padrinhos e convidados em velocípedes, num verdadeiro prodígio de equilíbrio. Ch. Vernier deixou-nos facto documentado em magníficas aguarelas que são um primor de desenho e de colorido, focando flagrantemente a época romântica.

Depois, o homem sempre ávido em poupar esforços, foi modificando a velha máquina até que chegou à atroadora motocicleta dos nossos dias.

Daí o dizer-se depreciativamente que «a bicicleta é o único veículo em que o animal que o puxa vai sentado».

Nada mais injusto.

A bicicleta é um invento engenhoso que oferece mais vantagens que a motocicleta. O ciclista conduz-se sem grande esfôrço e não dá cabo dos rins como sucede na motocicleta, segundo os mais abalisados testemunhos.

Além disso, haverá coisa mais incómoda que o ruído enervante e ensurdecedor duma motocicleta que passa junto de nós, dando a ideia duma metralhadora que nos fuzilasse impiedosamente?

Nem sempre as inovações do progresso são as preferíveis, e a motocicleta é uma prova flagrante disso.

Em que é superior a motocicleta à bicicleta moderna? Em ser mais rápida? Em poupar esfôrço ao ciclista? A nosso ver essas vantagens não suprem a leveza, a comodidade e a economia que a bicicleta nos oferece.

Demanda um pequeno esfôrço, é verdade, mas êsse mesmo esfôrço é salutar, pois constitue um belo exercício físico.

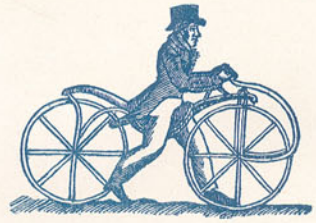
Para veículo em que o seu condutor se transporte em plena inactividade, en-

Uma boda em velocípede — por Vernier

tão procure-se o automóvel que se equilibra e anda por si...

* * *

Já agora, vem a propósito evocar os belos passeios que noutros tempos se davam aos pitorescos arredores de Lis-



O velocípede primitivo

boa nas saüdosas tipóias de guizeiras. Hoje vai-se às touradas em automóveis de boa marca, mas a festa, com tudo isto, perdeu a sua característica e a sua bela tradição.

Por êste andar, as esperas de toiros que tantos entusiastas tiveram no século passado — e têm ainda hoje — virão a ser feitas segundo as regras modernas, isto é, metendo os bichos em camionetas em forma de elegantes *limousines* que deslisariam suavemente até à praça por entre filas de povo que acorreria como para ver um cortejo cívico.

A lida poderia ser feita em estilo moderno também.

O cavaleiro passaria a ser motorista. Em vez de montar um cavalo único como manda «a arte de bem cavalgar em tôda a sela» empunharia o volante dum automóvel de categoria, montando assim trinta cavalos ao mesmo tempo...

Como se vê, há coisas que o progresso não pode modificar, sob pena de as matar por completo.

Felizmente que a mentalidade popular assim o entende, e daí o entusiasmo que manifesta sempre que se realiza uma grande prova ciclista como a Volta a Portugal. Seguindo o critério moderno, essa poderia ser feita em motocicleta. Mais rápida talvez e não daria margem a desistências.

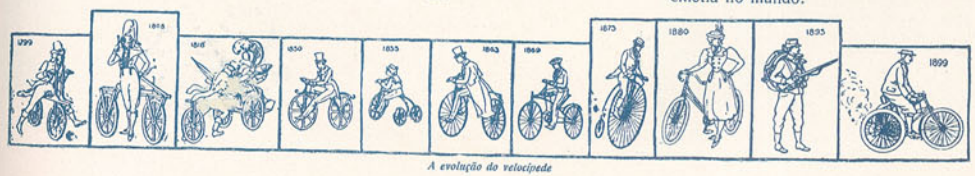
Mas como poderia o corredor patentear as suas excepcionais qualidades?

No campo desportivo seriam banidas tôdas as provas que tivessem sabor antiquado como as regatas à vela e a remo, visto os barcos movidos a gasolina correrem mais e serem de mais fácil condução. Concursos hípicos para quê?

A meta seria atingida mais fàcilmente por um bom automóvel. Saltos em altura? Outra velharia que os aviões suplantam em admiráveis exercícios acrobáticos.

Terminaria todo o esfôrço físico em que o homem patenteia os seus dotes de robustez para surgir o esfôrço motorisado.

Eis porque, evocando a época do velocípede, sentimos saüdades, e nos compenetramos cada vez mais que a velocidade que a vida moderna tomou, nos levou tôda a pouca felicidade que ainda existia no mundo.



A evolução do velocípede

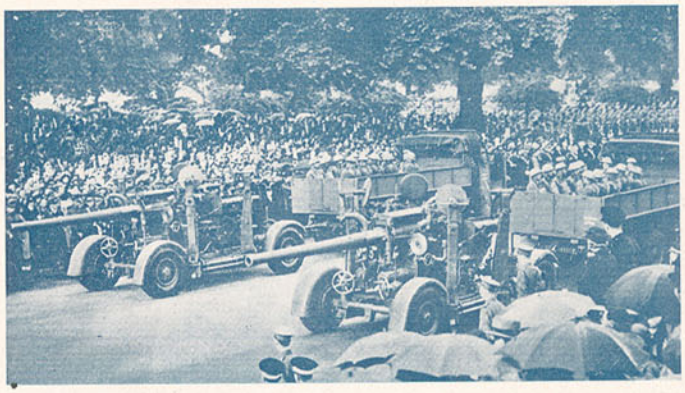
ALÉM-FRONTEIRAS

Ernhard Weiss, alemão *(ao centro)* e Hodges, inglês, *(á esquerda)*, os dois primeiros classificados no campeonato de natação Inglaterra-Alemanha, com a inglesa Miss Slade.

Um sugestivo aspecto de Grossglockner onde passa a estrada dos Altos Alpes, pela qual se fez uma corrida de automóveis cujo primeiro prémio coube a Hermann Lang

O aviador Gabler que bateu o *récord* mundial em monoplanos, percorrendo 1915 quilometros, com um consumo de 160 litros de combustivel

As mulheres não deixaram de cooperar no formidável rearmamento inglês. Eis um aspecto do desfile das jóvens do *National Service* em Hyde Park, em Londres, em que demonstram o garbo e espírito militares de que estão possuidas

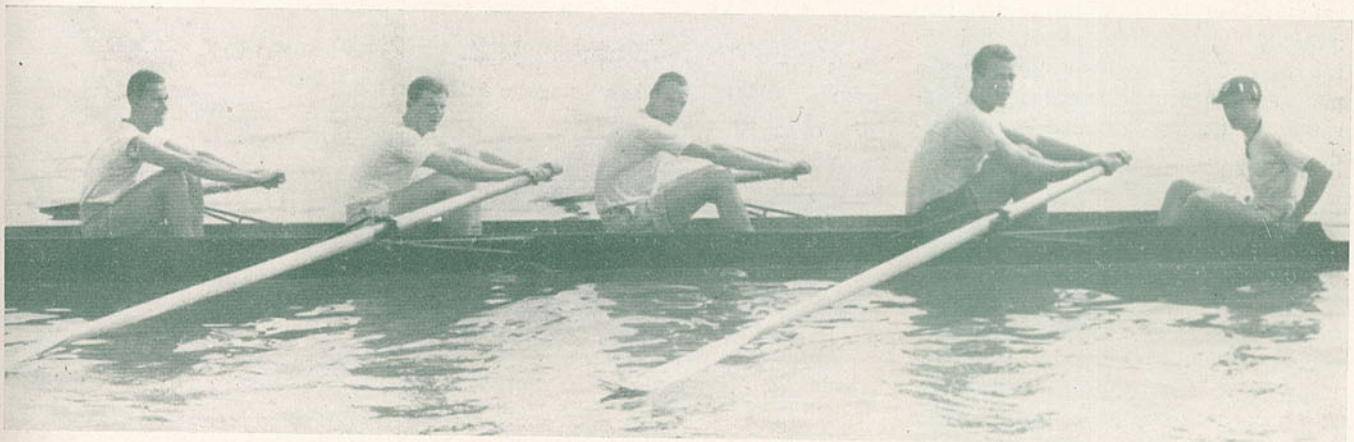


Outras fotos flagrantes do rearmamento da Grã Bretanha: Uma bateria de canhões anti-aéreos das colunas motorizadas do exército passam à esquerda perante o interêsse de milhares de pessoas. *À direita:* Por entre o entusiasmo da multidão, desfilam marinheiros da reserva – *Royal Naval Voluntier Reserve*

NOTAS DA QUINZENA

Os «Cadets de France», simpáticos rapazes que em excursão vieram a Portugal, visitam a colónia de férias da F. N. A. T., na Caparica *(à esquerda)* e escalam na Serra da Estrêla o ponto mais alto de Portugal, a «Tôrre» *(à direita)*

Um aspecto da visita dos «Cadets de France» ao ilustre ministro do seu país sr. Amée Leroy. — *A' direita:* O rev. Paulo Doncoeur, chefe da excursão, conversa com o sr. dr Carneiro Pacheco



Têm já fama as regatas internacionais que anualmente se realizam na linda praia da Figueira da Foz. Eis a équipa inglesa pertencente ao London Rowing Club, que ganhou a «Taça Salazar»

A QUINZENA DESPORTIVA

O francês Dassé, primeiro detentor da camisola amarela

A Volta a Portugal em bicicleta fez rodopiar em tôrno das suas peripécias e durante vinte dias todo o interêsse desportivo do país.

A prova dêste ano, de moldes inteiramente diferentes do passado e um tanto arrojada nalgumas disposições, foi coroada de êxito incontestável e que não pode ser amesquinhado pelos comentários suspeitos dos adversários averiguados de tôda a iniciativa alheia.

A maior novidade introduzida na orgânica da 8.ª Volta, novidade absolutamente inédita em qualquer parte do mundo, foi o sistema de acampamento para os corredores e acompanhantes oficiais. O resultado excedeu largamente a nossa espectativa e, nos capítulos alimentação e facilidades de convívio foi surpreendente; apenas no que se refere ao confôrto das camas apresentou algumas deficiências, aliás fáceis de remediar e que após alguns dias de experiência foram remediadas. Serviu de pretexto a interpretações diversas o facto dalguns corredores terem preferido dormir nos hoteis, mas é conveniente esclarecer que muitos o fizeram apenas pela necessidade de utilizarem banhos quentes de imersão que o acampamento não podia fornecer.

Joaquim Fernandes, António Bartolomeu e José Albuquerque, três das figuras predominantes na corrida dormiram sempre na barraca e mostraram-se encantados com a instalação.

A determinação regulamentar que partia em dois troços a etapa diária, com horas de repouso a meio da tarde para ser servido o almôço, impoz à corrida muito maior dureza, o que explica o número excepcional de desistências; mas trouxe em contra-partida a vantagem dos percursos de menor quilòmetragem, para os quais os ciclistas se lançavam com mais decidido entusiasmo e donde provém a média geral de velocidade êste ano verificada.

Cabrita Mealha, que envergou a camisola amarela desde Sant'Iago de Cacem até Amarante

A participação de corredores franceses e espanhois foi ainda outro motivo de espectativa, e embora os resultados falhassem inesperadamente pelo abandono prematuro da quási totalidade dos estrangeiros. Apenas um dos franceses, Lesguillons, concluiu o percurso em classificação secundária, mas os seus dois companheiros foram vítimas de desastres que lhes não permitiram pôr em evidência a sua classe indiscutível, sobretudo Renato Dassé que pelas suas insinuantes qualidades de trato conquistou tôdas as simpatias e merece o título de figura mais popular da caravana.

Dos espanhois não pode dizer-se o mesmo; valor desportivo fraco e comportamento pouco atraente, abrindo excepção para Martin, o único que deixou saüdades. Se, para futuro, quizerem os organizadores repetir a internacionalização da prova, deve haver maior cautela na escolha dos convidados, evitando aceitar os primeiros que sejam impingidos pelos intermediários.

Demétrio Vicente foi uma grande lição.

★

Êste troço de caminho que nos trouxe até às serras algarvias pela banda do Ocidente liga-se em nossa memória a pouco saüdosas recordações da pior estirada do percursso que pela primeira vez acompanhámos em 1932.

O que outrora era simples carreiro, marcado talvez pela repetida passagem de veículos em trilhos de capricho ocasional é porém, agora, estrada autêntica, rasgada na região pela vontade estudada do homem; mas acontece ainda que o piso mal preparado se apresenta coberto por espessa camada de poeira, uma poeira vermelha, tenuíssima, gerada nos resíduos da terra calcinada e morta à míngua de água, e que envolve os viandantes em nuvens sombrias, se infiltra nos pulmões, cola aos olhos, adera à pele, transformando em calvário as horas gastas a percorrer êste país da sêde, onde se não encontra sequer a frescura duma sombra verdejante.

Aguiar Martins, que vestiu a camisola amarela durante o espaço duma tarde de Amarante a Matozinhos

No entanto, que enorme esfôrço traduz aquilo que já existe feito! Ao passarmos sôbre a magestosa ponte que transpõe a Ribeira do Sol Pôsto, recordavamos o tempo, seis anos atraz, em que os carros atravessavam a vau o curso de água e tinhamos que nos apear para os ajudar, empurrando, a subir as encostas, cujo solo, sem preparação, se esboroavo debaixo da acção tractora das rodas.

Desde o Cercal e até que encontremos o reconfôrto do rio de Odemira, a païsagem é torturante de isolamento e secura; não se avista um casal, não se encontra viv'alma.

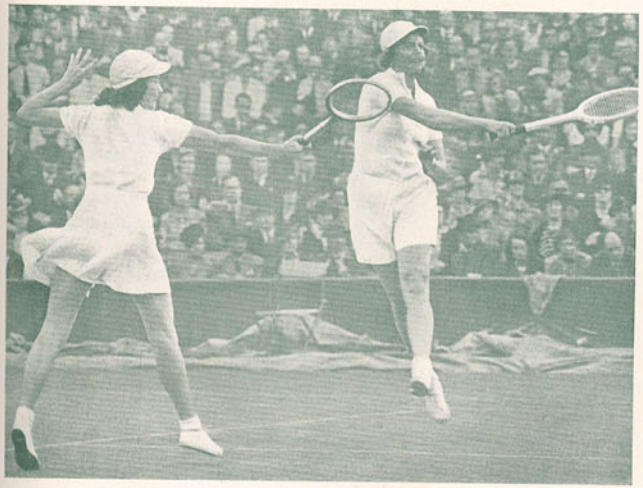
A escassa vegetação que se agarra ao terreno em desesperado anseio de viver, perdida a verdura sob espessa camada de pó, não consegue alegrar o desolador aspecto do panorama; as colinas rasgadas a ferro pelo traçado da estrada mostram seu flanco rubro, que parece sangrante das feridas recebidas—e se volvermos o olhar à retaguarda, o trajecto percorrido assinala-se pelo rasto nebuloso de poeira suspensa no ar e que a calmaria conserva até que o tempo a force a repousar de novo no mesmo sítio donde a levantara a passagem importuna das bicicletas e automóveis.

Nestas circunstâncias ajuíza-se quanto merece ser admirado o esfôrço estoico dos ciclistas, o valor da proeza imposta pela marcha insistente dos primeiros, a coragem firme daqueles, vítimas do destino ou menos valorosos, que foram ficando para traz e nunca esmoreceram no propósito de perseguição.

Para todos, sobretudo para os menos felizes, o ingresso no Algarve risonho foi a chegada à Terra da Promissão. Mudança formal; a vista alcança sempre, à direita ou à esquerda, os perfis muito alvos das casotas de um piso, orgulhosas das típicas chaminés rendilhadas, a espreitarem para a estrada dentre o figueiral viçoso, cujas árvores rastejantes parecem unir à terra suas ramadas fecundas para não esconder ao olhar a formozura dos horizontes.

★

Percorrido o Algarve, cuja passagem ficou assinalada por um lamentável desastre que eliminou dois dos mais valorosos e populares concorrentes, investimos a travessia da planura alentejana onde o calor castigou a comitiva durante as dezenas de quilómetros de estrada na qual nem a mínima sombra de árvore se vislumbra; Castro Verde, Beja, Evora, Estremoz, Elvas, Portalegre receberam com entusiasmo, tão caloroso entusiasmo como cálida era a temperatura do ambiente, os peregrinos ciclistas, que de dia em dia seguiram seu caminho, fugindo para as Beiras, para a magestosa região transmontana, para o fresco e risonho jardim minhoto.



Uma harmoniosa atitude das tenistas americanas Marble e Fabyan vencedoras das provas femininas no torneio de Wimbledon

Joaquim Fernandes, que envergou a camisola amarela em Matozinhos e não a largou até Lisboa

Foi aqui, na pitoresca região que abrange a famosa Amarante, Vila do Conde e a histórica cidade de Guimarães que se passou o golpe de teatro há tanto esperado mas que tomou uma feição emocionante pela rapidez das decisões provocadas e pela multiplicidade e episódios que apresentou.

A descida vertiginosa de Cabrita Mealha passando em vinte e quatro horas de detentor da camisola amarela para o décimo segundo lugar é um caso típico do pêso da fatalidade. Mealha foi desapossado do primeiro pôsto pela insuficiência do seu comportamento nas descidas perigosas; o Marão foi-lhe fatal sem apêlo viável, mas o atrazo de tempo por êsse motivo originado resumia-se a escassos minutos e não o alheava da hipótese duma desforra posterior.

Nas duas estiradas do dia seguinte, porém, o valoroso corredor belenense sofreu duas avarias graves nas bicicletas que montava e perdeu brutal e injustamente mais de meia hora, êle que durante mil quilómetros não perdera mais do que segundos contra a coligação dos adversários.

SALAZAR CARREIRA

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

RESULTADOS DO N.º 36

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 16)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Siulno, Nuninho, Castela, Dado, Alvarinto, Édipo, Fosquinhas, Haníbal, Jorubasil, Lérias, Ricardo, Soba da Tôrre, M.me Lérias, Míss Sporting e Já Mexe — 16

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, Dr. Sicascar, Sevla, Francisco J. Courelas e Mirna — 14. Agasio, Ramou Lácrimas, Sol de Inverno, Dama Negra e Calaveras — 12. Cigano, Tarata, Anjo das Serras, Visconde X, Diriso, J. Tavares, Neptuno e Aristofanes — 10. Fra-Diávolo, D. O. X., Aureolinda, Oliva, Dóris I e Jónio — 8. Um Misterioso — 11

DECIFRAÇÕES

1 — Bem-querença. 2 — Nascimento. 3 — Pe-(le)ja. 4 — Semente 5 — Alerta. 6 — Inodado. 7 — Inopia. 8 — Quebradamente. 9 — Quebrado. 10 — Ca(so)la. 11 — Ca(chi)ço. 12 — Pe(no)so. 13 — Amar(gu)rado. 14 — Lu(i)sa. 15 — Pescoço. 16 — Levanta-te às seis; almoça às dez; janta às seis; deita-te às dez e viverás dez vezes dez.

DISTRIBUÏÇÃO DE PRÉMIOS

DECIFRADORES DO 1.º CONCURSO TRIMESTRAL

1.º Prémio..... *Siulno*
2.º » ..... *Dr. Sicascar*
3.º » ..... *M. A. P. M.*

DECIFRADORES DE PALAVRAS CRUZADAS

Problema do «Desporto» n.º 33 — *Dado.*
» » » » 34 — *Um Misterioso.*

As nossas felicitações aos beneficiados pela sorte.

CONCURSOS TRIMESTRAIS

Com o próximo número termina o 3.º concurso trimestral desta secção. Possivelmente nele daremos já o resultado, para produtores, dos trabalhos respeitantes ao 2.º.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Ouvi dizer outro dia
— Será certo o que se diz? —
Que Raimunda não fazia
O seu marido *feliz*. — 3-4 5-2

Pois é certo! O maridinho
— Que dá pelo nome de Átio —
Foi dar com ela e o vizinho
Aos beijinhos lá no *pátio*. — 8-6-7-2

Céus!... Foi tamanho o banzé
Ao ver a honra perdida
Que ferveu tapona até...
Entornar bem a «*medida*». — 2 7-1-8

Depois ainda não contente
Deu-lhe com um marmeleiro
E uma esfrega bem potente
Com tal *seiva de pinheiro*. — 3-6-1-8

No fim disse: — Meu ladrão
Isto foi coisinha lenta
Mas se tornas... isso então
Levas 'té fumar a *venta*.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 45

SINCOPADA

2) Um aviso muito *urgente*
Mandei agora ao gerente
Da minha repartição,
Pois rapinaram-lhe o filho
Que metido num sarilho
O levaram p'rá *prisão*. — 3-2

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

ENIGMA

Para ti!

Idéas presentes — Realidades futuras?!?

3) Oh! A base imortal, dum qualquer pensamento,
a chave duma vida, a alma duma idéa,
é — que subtil visão! — o fulgor dum momento,
que nos anima, ampara e que nos incendeia!...

Ai! Ora, ora sem fim, erguendo a tua voz!
Ao contrário não sei, o que será de mi!
Alma, fé, orações: — medita, pensa em nós...
para um dia, talvez, poder pensar em ti!

Ó Santa Natureza, aureolada de amor,
que irradias a luz, que só bençãos nos rende!
tudo de ti provém — a tudo dás a côr,
tudo p'ra ti sorri — tudo de ti depende!

.....

Numa miragem d'oiro, excelsa, pura e louca,
um beijo *leviano*, eu dou na tua bôca!

Lisboa *Adeusinho (L. A. C).*

ADITIVA (antigas)

4) Não *tiro* da minha ideia — 2
De que um dia has-de ser minha...
Meu coração só anceia
Por tal sorte, que adivinha!...

Desta *maneira*, se esteia — 1
Nessa esp'rança, e acarinha
Êsse amor, que numa teia
O perturba e o definha!

E vai vivendo a pensar
Que êsse dia ha-de chegar,
Pois o teu olhar lh'o diz...
E sentindo-te distante,
Na sua fé dominante,
Nem vê que é tão *infeliz*!...

Lisboa *Lérias (F. L.)*

23) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

TRABALHOS EM PROSA

ADITIVAS (novíssimas)

(Agradecendo ao nosso Director «Ordisi» a sua cativante homenagem — «Desporto» n.º 37

5) O **amor** *de «mulher»* charadista é sublime e encerra *sabedoria*. 2-3.

Luanda *Ti-Beado*

6) Para *o inferno não* iria se minhas culpas *examinassem*. 3-1.

Lisboa *Mirones*.

7) *Satisfaz* a tua noiva, palerma! Faz-lhe umas festinhas no *queixo* e verás a sua *alegria*. 3-2.

Luanda *Mr. Le Bossat*

8) *Não* é alegre a *vida* daquele *que não vê*. 1-1.

Lisboa *Alguém*

9) Com um *chocalho* ao pescoço e *nó* na garganta, foi hoje preso um *vadio*. 2-2.

Luanda *Ti-Beado*

10) A mitologia da *deusa dos vulcões, então* não se *discute*? 2-1.

Lisboa *Castela*

11) *Devora*, com *duração*, a *gorgeta*. 2-2.

Lisboa *Soje Tansos*

12) Só te será concedido o *indulto, uma vez que* minha «*mulher*» intervenha nisso. 2-1.

Luanda *Dr. Sicascar*

ENCADEADAS (Mefistofélicas)

13) Se tiver *ocasião* de aplicar o meu «*invento*» dou cabo do *diabo*. (2-2)3.

Luanda *Enigmático.*

14) *Namorei* na *exuberância da vida* para dela tirar algum *proveito*. (2-2)3.

Lisboa *Adeusinho*

15) Quem *revê* o seu passado, *cheio* de ilusões perdidas, fica *entristecido*. (2-2)3.

Lisboa *Siulno*

SINCOPADAS

16) A terra *fértil* torna viçosa *a flor*. 3-2.

Lisboa *Mirones*

17) No meio da *desordem* fui ferido com um *espinho*. 3-2.

Luanda *Um Misterioso*

18) Se não *mede* com perfeição dou-lhe uma *lição*. 3-2.

Lisboa *Nuninho*

19) O *fadista* canta com *perfeição*. 3-2.

Lisboa *Alvarinho*

20) *Loquacidade!* Eis o que jamais falta à «*mulher*»! 3-2.

Lisboa *Mora-Rei*

21) Quem *transgredir* nesta *pequena aldeia* é castigado. 3-2.

Luanda *Um Misterioso*

22) De *indivíduo mentiroso ou gabarola*, tôda a gente se *defende*. 3-2.

Algés *Marcolim*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Foi pedida em casamento pelo sr. Dr. José Caeiro da Mata, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros, reitor da Universidade de Lisboa e administrador do Banco de Portugal, para seu filho Basílio Freire Caeiro da Mata, distinto engenheiro, a sr.ª D. Margarita G. Fierro y Viña, filha do conhecido financeiro do país visinho, sr. D. Ildefonso G. Fierro y Ordoñez, grão-cruz da Ordem do Mérito Industrial.

A cerimónia deverá realizar-se ainda êste ano.

— Na residência em Seia do procurador à Câmara Corporativa, sr. António Marques da Silva, foi pedida em casamento sua neta, sr.ª D. Maria das Dôres Calixto Marques da Silva Simões Pereira, gentil filha da sr.ª D. Maria da Glória Calixto Marques da Silva Simões Pereira e do falecido médico sr. dr. António Simões Pereira, para o sr. José Guilherme Pessoa Pereira.

O pedido de casamento foi feito pelos pais do noivo, sr.ª D. Aurora Braz Pessoa Pereira e seu marido o sr. capitão Manuel Pereira.

— Na paroquial igreja do Sagrado Coração de Jesus, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes de Barros Belmarço, gentil filha da sr.ª D. Maria José de Barros Belmarço e do sr. Hugo Navarro de Andrade Belmarço, com o sr. D. Fernando de Melo e Castro (Pernes), filho dos srs. Viscondes de Pernes.

Serviram de padrinhos os srs. Condes das Antas e dr. Manuel Côrte Real e de madrinhas as sr.as D. Stela Belmarço da Costa Santos e a mãe da noiva.

Finda a cerimónia que foi presidida pelo rev. prior da freguezia, o qual fez uma brilhante alocução aos noivos, foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva, findo o qual os noivos seguiram para o norte, em viagem de núpcias.

Aos noivos fôram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Na paroquial igreja de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Antónia Moreira Abrantes Satúrio Pires, gentil filha da sr.ª D. Amélia Laura Moreira Abrantes, já falecida e do sr. Eurico Sampaio Satúrio Pires, com o sr. dr. Raul de Chaby Satúrio Pires, filho da sr.ª D. Fernanda da Costa Chaby e do sr. Raul de Sampaio Satúrio Pires.

Foi celebrante o rev. Eurico Chaby Satúrio Pires, irmão do noivo e primo direito da noiva, e serviram de padrinhos, por parte da noiva, seu pai e sua irmã, sr.ª D. Maria Amélia de Sequeira Braga, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Luiza Machado e o sr. dr. Mário Machado.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa do pai da noiva.

Aos noivos fôram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Eva Nunes de Sousa Santos, gentil filha da sr.ª D. Guilhermina Sousa Santos e do sr. Júlio César dos Santos, já falecido, com o sr. Raul da Silva Diogo, filho da sr.ª D. Ester Rodrigues da Silva Diogo e do sr. Manuel Diogo Júnior, já falecido.

Serviram de padrinhos da noiva o sr. Alfredo de Assunção Coutinho e sua esposa, sr.ª D. Conceição Fonseca Coutinho, e por parte do noivo, seu irmão sr. Angelo Diogo e a sr.ª D. Maria Antónia dos Santos.

Depois da cerimónia foi servido um fino lanche em casa do tio da noiva, sr. Alfredo da Assunção Coutinho.

Aos noivos fôram oferecidas muitas e valiosas prendas.

— Pelo sr. António Ferreira Soeiro, foi pedida em casamento para seu filho José Henriques, a sr.ª D. Maria Lúcia Amaral Quirino, gentil filha da sr.ª D. Maria da Glória Amaral Cabral Quirino e do sr. João Quirino Saraiva, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Pela sr.ª D. Laura Meireles Dias e seu marido sr. José Cândido Dias, foi pedida em casamento para seu filho José Eduardo, a sr.ª D. Maria Luiza Vicent de Sousa Veiga, gentilíssima filha da sr.ª D. Carmen Vicent de Sousa Veiga e do sr. Luis Veiga.

O casamento deverá realizar-se brevemente.

— Para o sr. António Guimarães Vale foi pedida em casamento a sr.ª D. Ester Duarte Alçada, gentil filha do sr. capitão José Mendes Alçada.

O pedido foi feito pelo rev. José Garcia, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Por seu pai, sr. dr. Acácio Rufino de Sousa Freire Pimentel, foi pedida em casamento para o sr. Armando Lopes Pimentel, a sr.ª D. Maria Amélia da Cruz Frias Ferreira, gentil filha da sr.ª D. Maria José Anjos da Cruz Ferreira e do sr. José Frias Ferreira.

O casamento deverá realizar-se ainda êste ano.

— Foi pedida em casamento a sr.ª D. Maria Izabel Tadeu de Almeida Ribeiro Laranjeira, gentil filha da sr.ª D. Maria Joaquina Tadeu de Almeida Ribeiro Laranjeira e do sr. Alberto Raposo Laranjeira (já falecido), para o sr. António Gomes Coelho, filho da sr.ª D. Maria Josefa Gomes Coelho e do sr. Miguel Coelho.

O casamento deverá realizar-se em Dezembro próximo.

— Pelo ilustre professor sr. dr. J. A. Pires de Lima, foi pedida em casamento para o sr. dr. João Filipe Ferreira, a sr.ª D. Maria de Lourdes Pery de Linde Guerreiro de Amorim Peixoto da Cunha e Silva, gentil filha da sr.ª D. Mariana Peixoto da Cunha e Silva e do sr. dr. António Alves da Cunha e Silva.

A cerimónia religiosa deverá realizar-se brevemente.

— Pela sr.ª D. Brígida da Costa Proença, viuva do sr. dr. José Proença, foi pedida em casamento para seu filho, sr. dr. José da Costa Proença, a sr.ª D. Maria dos Anjos Galvão, gentil filha da sr.ª D Amália Barata Galvão e do sr. coronel Lopes Galvão.

A cerimónia deve realizar-se em breve.

— Pelo sr. Capitão João Correia da Fonseca, foi pedida em casamento para seu filho, sr. Adérito Santos Correia da Fonseca, a sr.ª D. Maria do Carmo Faria de Almeida, gentil filha da sr.ª D. Maria Faria de Queiroz e do sr. João de Faria de Almeida Soares.

O casamento deve realizar-se em breve.

— Na paroquial igreja de Vale, concelho de Arcos de Valdevez, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Tomazia Pereira Coelho Ramos, gentil filha da sr.ª D. Rosa Pereira Coelho e do sr. António José Gonçalves Ramos, com o sr. Manuel Gama Pereira Pimenta de Castro, filho da sr.ª D. Adélia Clementina Arriscado de Azevedo da Gama Pimenta de Sousa e Castro.

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua cunhada, sr.ª D. Maria Adélia da Gama Pimenta de Castro e o sr. dr. José de Sousa Guimarãis, e por parte do noivo, sua mãi e seu tio, sr. coronel Gonçalo Pereira Pimenta de Castro,

Finda a cerimónia religiosa foi servido, em casa da família da noiva, um explendido banquete.

Aos noivos, que foram passar a lua de mel para a sua Quinta do Rio Alto, foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Para o sr. Guilherme Paulino Pinto Guimarãis foi pedida em casamento por sua mãi, sr.ª D. Paulina Guimarãis Pinto, viuva do sr. José Pinto de Sousa e Castro e por seu irmão, sr. José Paulino Pinto Guimarãis, a sr.ª D. Fernanda Augusta da Silva, gentilíssima filha da sr.ª D. Laura de Jesus Silva e do sr. António Maria Augusto da Silva.

O casamento deverá realizar-se brevemente.

— Pelo sr. dr. Angélico Sequeira Carvalho, foi pedida em casamento para seu irmão, sr. Domingos Roquete de Sequeira Carvalho, a sr.ª D. Benvinda de Assunção Brito Ramos, gentil filha da sr.ª D. Hermengarda Brito Ramos e do sr. António Brito Ramos, já falecido.

A cerimónia deve realizar-se brevemente.

— Na maior intimidade, realizou-se na paroquial igreja de Santos-o-Velho, o casamento da sr.ª D. Elvira Antunes Pinto Braz, interessante filha da sr.ª D. Izaura Augusta Pinto Braz e do sr. Alfredo Antunes Braz, com o sr. Pedro Guilherme Rebelo Plantier Martins, filho da sr.ª D. Balbina Rebelo Plantier Martins e do sr. Guilherme Plantier Martins.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Henriqueta Roque Pedreneira Plantier, tia do noivo, e D. Maria Celeste Mendes do Amaral, e de padrinhos os snrs. dr. José Miguel Roque Pederneira, tio do noivo e Armando Figueira Curado.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um lanche em casa dos pais da noiva.

Aos noivos foram oferecidas lindas prendas.

— Pelo sr. Francisco Ferreira dos Santos Nogueira e sua espôsa, sr.ª D. Ermezinda de Oliveira Nogueira, foi pedida em casamento para seu filho, 2.º tenente sr. Carlos dos Santos Nogueira, a sr.ª D. Maria Celeste Marques Delgado, gentil filha da sr.ª D. Celeste Marques Delgado e do sr. Manuel Delgado.

O casamento deverá realizar-se êste ano.

— Realizou-se há dias o casamento da sr.ª D. Maria Ignez Freire dos Santos, com o sr. Manuel António Afonso Lages.

Foi celebrante o rev. padre dr. Cruz Gomes, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva, sr. Manuel Mendes dos Santos e D. Firmina Freire dos Santos, após o qual os noivos vieram fixar residência em Lisboa.

Aos noivos foram oferecidas muitas e valiosas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Emília Fortunato Correia de Barros, esposa do sr. Padeo Correia de Barros. Mãe e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria da Luz de Melo e Faro Passanha, esposa do sr. D. Diogo Vilhena Maldonado Passanha e filha dos srs. Condes de Monte Real.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Deu à luz uma interessante criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Francisca Pinto da Costa Leite de Sá Carneiro, esposa do sr. dr. José Gualberto de Sá Carneiro.

Mãe e filha estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Mondim, esposa do sr. Augusto Mondim.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Na sua Quinta, em Rio de Mouro, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Luiza Gonçalves Luz Cunha e Castro, espôsa do sr. dr. Alfredo Cunha e Castro.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Laura Malheiro Lopes da Cruz, espôsa do sr. dr. Justino da Cruz.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Arminda da Silva Rola, espôsa do sr. António Marques da Silva Rola.

Mãe e filho estão felizmente bem.

Baptizados

— Na paroquial igreja de Santa Maria de Belém (Jerónimos), realizou-se o baptizado de um gentil filhinho da sr.ª D. Laura Menezes Correia Lápido e do sr. Américo Jorge Burnett Lápido, sendo celebrante o rev. prior Monsr. Gonçalo Nogueira.

Foram padrinhos o sr. Amilcar do Vale de Almeida e sua esposa, sr.ª D. Júlia Madeira Branco de Vale de Almeida.

A gentil criança foi dado o nome de Jorge António.

— Na paroqpial igreja de S. Lourenço realizou-se o baptizado do menino José Júlio Correia Maia, gentil filhinho da sr.ª D. Amelia Correia Maia e do sr. José Ferreira Maia Júnior.

Serviram de padrinhos os snrs. dr. Mario das Neves e Orlando José Maia Figueira, e de madrinhas as snras. D. Maria da Ascenção Pinto Araújo Neves e D. Maria Emília Peres Maia.

— Realizou-se o baptizado de um gentil filhinho da sr.ª D. Matilde Vieira da Silva Moura, e do sr. capitão Luiz de Moura.

A gentil criança, a quem foi dado o nome de Luiz Maria, serviram de padrinhos o sr. Eurico Monteiro de Andrade e sua esposa.

D. NUNO

PÁGINAS FEMININAS

A saúde das crianças interessa a todos e principalmente à mulher que quer seja mãi ou não, tem na sua alma o sentimento da maternidade, que a faz enternecer diante de qualquer criança que se lhe aproxime, e que a faz sentir mais intensamente a infelicidade e a doença das crianças, ainda que sinta a sua alma entristecida com qualquer mal, das tantas que afligem a pobre humanidade sofredora.

Mas é que a infância, humanidade em botão, é como as frágeis flores duma roseira de inverno, que qualquer coisa a desfolha e a esmaga, e nada há de mais impressionante que uma expressão de tristeza ou sofrimento num rosto infantil.

A criança só se pode imaginar rosada, alegre, cheia de saúde e de vida, e, no entanto, quanto rostosinho emaciado e triste não vemos nessas crianças, que a miséria esmaga num torniquete de privações, e, que numa idade em que só risos devia haver, choram as lagrimas do infortúnio, tão duro de sofrer na vida dos que já têm forças para o suportar.

E a doença apodera-se com facilidade desses tenros organismos, que tantos cuidados requerem e a quem muitas vezes falta tudo, até o ar puro para respirar, quando a criança pobre vive na cidade, nessas horriveis habitações dos pobres, que graças ás providências do Estado Novo, começaram a ser higiénicas, mas são ainda poucas, para as muitas que são precisas. E a criança estiolada pelas privações que passa, pelo mau ar que respira, tem a necessidade absoluta da mudança de ares – essa mudança de ares, que todos os pais carinhosos preparam a seus filhos, quando o podem fazer, muitas vezes até com sacrifício, para lhes fortificar o organismo, e durante o verão os preparar para a luta que o inverno traz para todos, com as ciladas do frio e da humidade.

Entre nós já há muitas Colonias de férias, e muitas crianças utilizam com grande vantagem esse bem estar, mas apesar de já serem muitas, e, algumas de iniciativa particular, são ainda poucas para o que é preciso.

Quási todas á beira-mar, nem a todas as crianças convêm e é esse um problema que precisa ser atentamente estudado, como o tem sido noutros paizes e como me foi dado ver, êste ano, que o é na França. Por meio de relações pessoais consegui êste ano informações muito completas, sôbre as Colonias de férias das escolas primárias da França. E' interessantíssimo ver como todas as escolas primárias têm direito ás Colonias de Férias e como são cuidadosamente escolhidas as crianças, para as Colonias da beira-mar, da montanha, ou da planicie, segundo o seu estado de saúde, e, também segundo o meio em que vivem. As crianças que vivem á beira-mar e nessa planicie da região mineira do Norte da França, são mandadas para as Colonias de Férias da Saboia, grande altitude, altitude média, ou vale, segundo o que o seu estado físico exige.

Esta maneira de organisar é da maior inteligência porque está provado que o viver continuado num clima marítimo acaba por fatigar, como fatiga a montanha sempre. E todos os climas, que têm a qualidade de retemperar, tornam os organismos fracos, são estimulantes difíceis de suportar com a continuidade.

São muitas as colonias, e, as crianças passam nelas dois mezes completos, porque só assim dão todo o resultado necessário. A primeira temporada é para aclimatar e só a continuação dá o resultado de fortificar, que é o que se espera da mudança de ares. Foi-me dado assistir á partida das crianças que do Norte, da beira-mar e de Paris e seus arredores partiram para a Saboia, onde há várias Colonias.

As trez mil crianças que eu vi partir da Gare de Lyon iam para Aurauliers, grande altitude, Villette, altitude média e Saint Pierre d'Albigny no vale.

Parecerá que seria confusa uma partida de trez mil crianças, que em comboio especiais saíram das oito horas da noite até ás dez e meia, da mesma gare.

Para honra da organização e direção dessas Colonias, devo dizer que não houve a mais pequena confusão. Algumas dessas crianças viajavam desde manhã, vindas de longinquas regiões do Norte, eram acarinhadas e consoladas pelas vigilantes, enfermeiras diplomadas e directoras. Muitas dessas crianças choravam com saudades dos pais de quem se tinham separado; não ouvi uma palavra de impaciência ou de aborrecimento, mas sim o maior carinho para com as que manifestavam essa sensibilidade de alma.

E em sucessivos comboios que em grandes letreiros indicavam a Colonia que levariam e que para eles se dirigia em forma com letreiros idênticos, levados como estandarte, saíram de Paris trez mil crianças, que enchiam os dois enormes cais dessa grande gare de Lyon, sem que fôsse interrompido nem prejudicado o serviço dos grandes comboios que de ali partem para a Italia, para a Suiça e para o Sul da França.

A alegria das crianças que já lá tinham estado outros anos ao avistar as directoras das suas Colonias, a sua confiança, demonstravam o resultado que dá a organização perfeita destas Colonias. Uma das várias pequenitas com quem falei disse-me: "Sou da Bretanha mas dou-me muito bem na montanha; o ano passado engordei sete quilos".

E como ao ver a partida dessas crianças eu sonhava para as crianças do meu paiz essas partidas em grande massa, para que não houvesse uma só criança que não tivesse pelo menos, um mez de bom ar, segundo o que o seu estado de saúde indicasse, bom alimento e bom tratamento! E não houvesse caras tristes de criança, estioladas pelo ar empestado das cidades, que no verão se tornam insuportáveis brazeiros, e pela falta de alimento sem o qual não se podem desenvolver, nem viver!

As pobres crianças que vivem na miséria e na tristeza pedem que se lhes dê ao menos um mez de alegria e bem estar durante o ano.

MARIA DE EÇA

A MODA

A moda em 1939, nas duas primeiras estações, primavera e verão, pode dizer-se que tem sido uma revista das modas passadas. Principalmente à noite nas grandes «toilettes» de baile, podemos asseverar que temos assistido a uma renovação de todas as épocas, predominando contudo o balão do segundo Império, que sem exagêro se pode afirmar ter tido um verdadeiro sucesso nestas duas estações.

O tule que tanto se presta para esses vestidos tem tido uma extração que significa bem a sua voga.

Nas últimas festas que em Paris se deram antes da debandada geral, para as variadas vilegiaturas, foram notadas várias «toilettes» de noite em tule e renda côr de rosa, branco e preto. Viam-se também alguns contrastes em côres, como por exemplo um vestido em musselina côr de cereja, guarnecido a rendas ciclamen ou lilaz pálido.

Estas duas côres que nos parece impossivel que possam ligar bem, á luz electrica fundem-se num harmónico colorido do melhor efeito.

Ás luvas são facultativas; tanto se vêem as luvas até ao ombro em pelica ou «Suêde» claras ou escuras, como as luvas curtas em renda ou crochet com os punhos guarnecidos de renda.

Algumas elegantes ostentam os braços e as mãos nuas, apenas guarnecidas com um anel de preço e pulseiras, muitas pulseiras, que estão de novo na moda.

Ás sandalias substituiram os sapatos de setim, mas algumas elegantes continuam a usá-los.

Nesta época do ano a moda divide-se em vestidos de praia e «toilettes» de noite: nada mais se vê.

Damos hoje os últimos modêlos de praia e também alguns modêlos para a noite.

Para a praia, «maillot» em azul escuro e branco formando um lindo desenho. Vestido de praia em crêpe de chine azul e branco para ser vestido sôbre o «maillot» duma graça infantil e de grande elegância, e, pode esta «toilette» ser completada com a grande capa azul escura guarnecida a tiras azul e branco que está aos pés dos elegantes manequins. E' um conjunto de praia que sai da banalidade e tem o cunho dêste ano bem marcado.

Outro gracioso modêlo de praia duma elegância requintada e visto numa das mais elegantes praias francesas é o casaco em «toile d'albéne cireé», em riscas pretas e brancas. Muito gracioso com o seu «capuchou», tem a vantagem de ser impermeavel e poder ser usado com qualquer vestido.

Para a noite em praia ou vilegiatura, um elegantíssimo «tailleur» de noite em gabardine branca inglesa, para cair com o aspecto da seda.

Saia comprida em «godets» e casaco genero alfaiate com as bandas, os canhões e as algibeiras bordadas tom sôbre tom; para dançar pode tirar-se o casaco e por dentro usa-se ou uma blusa em setim branco, ou em organge transparente que marca bem o aspecto de «toilette» de noite. Este genero de «toilettes» está-se vendo muito nos Casinos de praia e termas elegantes.

Outro vestido de noite que tem uma grande voga é o que publicamos em otomana «imprimée», tecido dêste ano, que faz os mais alegres vestidos, porque o desenho florido e das côres mais suaves tem o aspecto dum prado na primavera duma ideal frescura.

Estes vestidos não admitem a mais ligeira guarnição porque o vistoso do vestido já os guarnece por completo, e o pesado da seda dá-lhe um aspecto de riqueza. Bastante decotado nas costas este vestido tem umas graciosas manguinhas.

O penteado moderno do manequim é guarnecido por um laço em veludo preto que marca a tendência juvenil da moda este ano. E' uma graciosa toilette para um Casino de praia «chic»

CÔRES DOS OLHOS

Tem sido notado pelos oculistas célebres a grande modificação, que se tem feito nas côres dos olhos, chegando à conclusão, que dentro em pouco, não haverá olhos azues.

Nem mesmo a Inglaterra escapará a esta regra, apesar de ser um paiz em que tão vulgares eram os olhos azues.

Esta modificação é produzida segundo os sábios pelo brilho intenso da luz electrica, e, pela leitura dos grandes jornais.

Os olhos castanhos suportam melhor do que os azues a luz intensa e a fadiga; e a natureza cumpre a sua obra, adaptando os olhos humanos, ás necessidades da vida moderna.

Nos paizes de luz intensa foram sempre raros os olhos azues e quanto mais forte é a luz, mais escuros se tornam os olhos. Os olhos dos habitantes dos paizes meridionais são em geral maiores e muito mais escuros do que os olhos dos habitantes dos paizes nórdicos.

E assim tendem a desaparecer esses lindos olhos azues, que parecem um bocadinho de céu e dão ao rosto das mulheres uma graciosa e indefinida expressão de ingenuidade.

HIGIENE E VELHICE

A maioria das senhoras tem o pavor aos cabelos brancos considerados como sintoma da velhice. Em muitos casos porém, os cabelos brancos prematuros são um defeito de pigmentação e mau funcionamento glandular que se deve tratar, e, não um diploma de idade. Há gente nova com a cabeça branca e há octogenarios de cabelo escuro. Em Paris é muito elegante a cabeça branca, e, vêm-se senhoras novas, que à fôrça de descoloração conseguem branquear o cabelo. E' uma questão de moda que não é aconselhavel, porque a descoloração estraga o cabelo tal e qual como a pintura para esconder o cabelo branco.

As tinturas para escurecer ou alourar o cabelo são inofensivas para algumas pessoas mas há senhoras duma tal sensibilidade aos toxicos que elas contêm, que começam logo a sentir os seus efeitos perdendo a frescura do rosto e ressentindo-se na sua saúde. É preciso pois todo o cuidado com essas aplicações, que mudam a côr do cabelo, mas não modificam a idade e é preferivel fazer como as parisienses e ostentar com elegância uma cabeça branca.

RECEITAS DE COZINHA

Lavagante à americana: — Corta-se em trez partes um lavagante vivo, conservando a água que sai das carnes e deixando inteiras as partes grossas das pernas. Numa caçarola abriram-se em bom azeite uma cebola e algumas chalotas cortadas em bocados pequenos; deitam-se depois nela os bocados do lavagante, um ramo de cheiros, um dente de alho, um ou dois pimentos pequenos, grãos de pimenta e sal.

Salteia-se durante uns cinco minutos, cobrem-se os bocados, até trez quartos de altura com vinho branco, um pouco de aguardente fina e a água que escorreu na ocasião de cortar o lavagante.

Tapa-se então a caçarola e deixa-se cozer durante cêrca dum quarto de hora. Passado este tempo retiram-se os pedaços do lavagante, limpam-se das crostas e colocam-se bem dispostos num prato.

Côa-se o caldo da cozedura, reduz-se a um terço, liga-se com uma ou duas colheradas de môlho de tomate e outro tanto de caldo gelatinoso de carne e dá-se á mistura uma pequena fervura. Retira-se depois a caçarola do lume, incorporam-se no môlho a pouco e pouco cinqüenta gramas de manteiga e um pouco de colorau picante, salsa picada e sumo de limão. Deita-se sôbre o lavagante e serve-se com arroz de manteiga.

DE MULHER PARA MULHER

Inquieta: — Esse estado de espírito deve ser causado por qualquer mal físico, procure o médico e verá como tudo se modificará. Não é certamente essa pequena discussão que a torna tão infeliz.

Não mostre de maneira nenhuma esse estado de espírito que pode prejudicar toda a sua felicidade e o sossêgo do seu lar. Os homens em geral não compreendem as sensibilidades doentias e enfastiam-se com as suas manifestações.

Georgette: — E' explendido o «camping» e lá fora muito usado. Aproveite a oportunidade para fazer uma cura de uvas, tão bôas agora nesta época e de tão saudáveis efeitos. As uvas podem ser acompanhadas de pão e bolachas. Verá que ótimos resultados vai tirar.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 2
Copas — — — —
Ouros — A. 5, 4, 3
Paus — A

Espadas — R	**N**	Espadas — D.
Copas — R	**O** **E**	Copas — D. V.
Ouros — — — —		Ouros — R. D. V. 10
Paus — D. 10, 9, 8, 7	**S**	Paus — — — —

Espadas — 3
Copas — A. 2
Ouros — 2
Paus — R. V. 2

Trunfo espadas. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

N joga 2 *o* que **S** corta com 2 *e*.
S » D *c*, se **O** entra do A *c*, fica o problema resolvido, se **O** cede, **N** joga R *c*.
N joga 3 *o*, **S** — 3 *e*.
S » 10 *c*, se **O** joga A *c* que o problema resolvido, se **O** cede, **N** — V *c*.
N joga 4 *o*, **S** — 4 *e*.
S » 8 *c* e quer **O** entre do A *c* ou cêda, **N** faz as 6 vasas.

A idade do pai e do filho

(Solução)

O pai tem 73 anos e o filho 37 (diferença 36).

Que número é?

(Problema)

Se se subtrair 61 dum certo número, o resultado será menos um do que o mesmo número dividido por 13.

Qual será êsse número?

Etimologia da palavra domesticar

Etimologicamente, domesticar um animal é obrigá-lo a viver na nossa casa *(domus)* ou próximo dela. Com o tempo, porém, este termo foi perdendo a latitude primitiva e não se aplica, hoje, por exemplo, a aves que só possam viver presas em gaiolas, a raposas ou a feras cativas, mesmo que vivam nas nossas casas ou próximo delas. A domesticação é o resultado do esforço duma série indefinida de gerações de animais, que se foi a pouco e pouco tornando uma qualidade inerente ás raças, transmissivel por hereditariedade.

O aço de que hoje é formada uma grande parte das máquinas agrícolas, não é uma invenção moderna. Os egípcios, segundo Karsten, já se tinham apercebido dos efeitos da tempera de certos ferros, pelo menos dezasseis séculos antes da era cristã, e nos tempos da guerra de Tróia era o aço mais espalhado do que geralmente se pensa, pois servia comummente, assim como o bronze, para o fabrico de pontas de armas ofensivas e de aparelhos de lavoura.

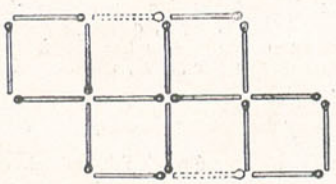
Records de aves

Um ormitologista americano, M. J. Lancaster afirma que tem visto fragatas (nome de certas aves de rapina, marítimas), voarem durante sete dias consecutivos, dia e noite, sem nunca descansarem. Segundo as suas observações, a fadiga daqueles pássaros não é excessiva, mesmo nos maiores percursos que fazem pelo ar; na verdade, a fragata pode fàcilmente e quási sem mover as asas, não só equilibrar-se no espaço, como também voar a 160 quilómetros à hora.

Um médico americano inventou um meio de impedir que as crianças pequeninas se tornem excitadas, nervosas e irritáveis. Resolveu essa questão, colocando um grande espelho quadrado em lugar onde a creança possa ver a sua imagem reflectida. O espanto que ao bébé em lágrimas causa ver o seu próprio aspecto, faz com que êle se esqueça de chorar.

De cinco para quatro

(Solução)



Pelo diagrama se vê quais eram os dois fósforos que haviam de mudar de lugar, para ficarem 4 quadrados em vez de 5.

Um fumador de charutos

Morreu há cêrca de quatro anos um alemão, de nacionalidade saxónia, a quem chamavam o pai Franck e que era considerado no seu país uma espécie de herói nacional, como *recordman* do charuto.

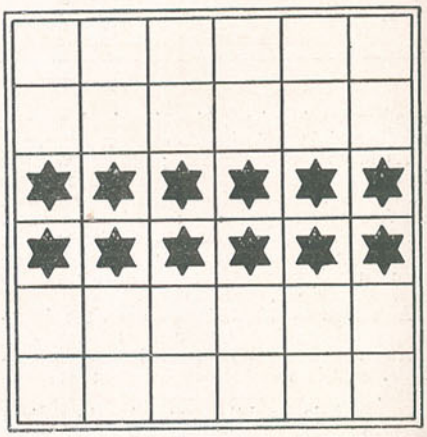
Êste incansável fumador tinha, no prazo de sessenta anos, reduzido a cinzas 547.500 charutos. E, facto notável: fornecera-se sempre da mesma tabacaria, situada defronte de sua casa. Pela manhã, abria a janela, chamava o empregado da loja e pedia que lhe mandasse uma caixa.

Vinha a caixa dos charutos. Abria a e enquanto tomava o seu primeiro almôço, acendia o seu primeiro charuto, no qual acendia o segundo que servia para acender o terceiro, etc. O pai Franck não se interrompia senão para dormir. Mas se, por acaso, acordava durante a noite, já não tornava a adormecer sem ter fumado outro.

A ilha mais densamente povoada que há no mundo é a de Malta, no Mediterrâneo, de possessão inglêsa. Tem 680 habitantes por quilómetro quadrado.

A dúzia de estrêlas

(Problema)



Aqui estão 12 estrêlas colocadas num taboleiro de 36 casas.

Trata-se de dispô-las por forma que fiquem duas estrêlas em cada fila vertical, duas em cada fila horizontal e duas em cada uma das grandes diagonais.

Não deve haver mais de duas estrêlas na mesma linha recta e o resultante desenho deverá ficar simétrico.

Resposta a tempo

Em um livro intitulado *Portugal ilustrado pelo sexo feminino* de que é autor o P.e Manuel Tavares e que foi publicado em 1734, conta-se que achando-se D. Bernarda Coutinho, senhora *discretíssima em ditos e respostas*, na côrte de Castela, aí assistiu á representação duma comédia em que figurava um castelhano dando grossa pancadaria em um português.

O Duque de Alba, D. Fernando de Toledo, que tambem assistia á representação, aproximou-se de D. Bernarda, dizendo-lhe: «Veja V. S. como cá os castelhanos tratam os portugueses». Ao que ela prontamente respondeu: «Cá são assim tratados os portugueses *a brincar*, e em Portugal são os castelhanos tratados da mesma forma, mas *a valer*.»

— «Pronto, ora aí está! Eu bem dizia ao Major que não fôsse de esporas, para o banho!»

(Do «Fit-Bits»)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116$72

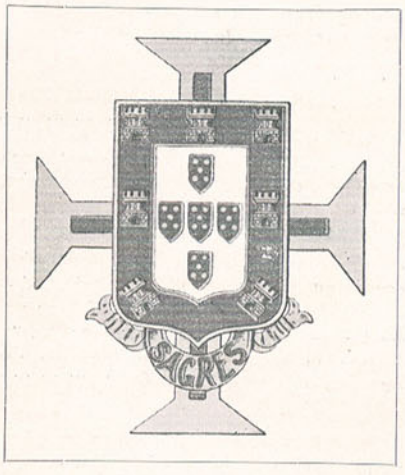
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, **especialmente destinada a senhoras e meninas,** veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. brochado . . . **Esc. 4$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELLICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc..... **6$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distracção, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o mêdo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Haig, Contani* e *Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

A saúde a trôco de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15×23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8$00**; *Encadernado* **13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 551 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... .. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs.. 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 pág., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs. com 273 grav..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 pág., com 170 grav..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav... 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. ..... 17$00

Encanamentos e salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras ..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 pág., com 230 grav..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 418 pág., com 464 grav..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas..... 15$00

Fogueiro, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras... ..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav.... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas..... ..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs, com 395 grav..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. ..... 22$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. .... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav ..... 15$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 pág., com 188 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 pág., com 138 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

ACABA DE APARECER O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1940**

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras, algumas a côres, cartonado... **10$00**

Encardernado luxuosamente... **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA